

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**A DANÇA COMO EXPRESSÃO CULTURAL
NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

ANA ANGÉLICA FREITAS GOIS

**PIRACICABA, SP
(2009)**

A DANÇA COMO EXPRESSÃO CULTURAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ANA ANGÉLICA FREITAS GOIS

ORIENTADOR: PROFA. DRA ROBERTA CORTEZ GAIO

**Tese apresentada à Banca
Examinadora do Programa de Pós-
Graduação em Educação da UNIMEP
como exigência parcial para
obtenção do título de Doutor em
Educação.**

**PIRACICABA, SP
(2009)**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Roberta C. Gaio (orientadora)

Profa. Dra. Célia Regina Vieira de S. Leite

Prof. Dr. José Carlos de Freitas Batista

Prof. Dr. José Maria de Paiva

Profa. Dra. Rosa Gitana Krob Meneghetti

DEDICATÓRIA



*Esta tese é dedicada ao pensador **Hugo Assmann**. Ao encontro especial em que tive a oportunidade de conviver com a sua sabedoria, sua especial forma de ensinar e de multiplicar os diferentes entendimentos sobre Corpo, Educação e VIDA!*

AGRADECIMENTOS

- **SEM VOCÊS EU NADA SERIA!** *DEUS - Enilda Freitas Góis e José Santana Góis*
Meus IRMÃOS: Carla Valéria, Walter César e José Góis Junior. Me ensinaram a viver, amar e ser feliz.

- **EU TE AMO DE TODA MANEIRA!** *João Carlos Carvalho Queiroz. Amor que sinto, vivo e me faz crescer!*

- **OBRIGADA POR TUDO!** *Roberta Cortez Gaio. Amiga, orientadora e incentivadora da minha caminhada!*

- **SUAS PALAVRAS!** *José Maria Paiva. Homem de valor, como me ensinou!*

- **SEUS ENSINAMENTOS!** *Rosa Meneghetti, Célia Regina, Cátia Volp!*

- **SUA FORÇA PARA O MEU TRABALHO!** *José Carlos de Freitas Batista*

- **PIRACICABA QUE EU ADORO TANTO... CHEIA DE ENCANTOS E ENCONTROS!** *Flávia Fiorante, Ademir De Marco, Ida Martins, Valéria Gomes, Eline Porto, Denis Terezzani, Claudio Assunção, Christiano Bertoldo, Imaculada Montebelo, Edson Fantasia, Luciana Bróglia, Wagner Moreira, Regina Simões, Pedro Paulo Maneschy, Cleiton, Eloísa, Marcelo Pastre, Cássia, Rubens, Patrícia Stanquevich, Melissa De Marco.*

- **ARACAJU: DANÇA DO GUERREIRO, RUAS DE ARÁ!** *Auxiliadora Aboim, Salete Martins, Jussara Rosa, Mestre Lucas, Mércia Guimarães, Pedro Jorge, Tarcísio, Afrânio Bastos, Marcos Monteiro, Marcos Bezerra, Hamilcar Santana. Meus Alunos e Alunas.*

- *O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – **CAPES – Brasil.***

RESUMO

Tendo como referencial a manifestação dança baseada numa abordagem cultural, esta pesquisa tem como objeto de estudo o ensino desse conteúdo na escola constituindo-se como expressão cultural da Educação Escolar a partir da sua inserção na prática do profissional de Educação Física. São apresentados pensadores e suas contribuições acerca da configuração teórica da cultura, educação, corpo, escola e dança. A tese objetiva estudar os conhecimentos técnicos e científicos sobre a dança e suas variações como conteúdo da Educação Física tomando como referencial para a análise a Educação Física e a importância da sua inserção na Educação Escolar. O intuito é contribuir para a discussão de paradigmas que permitam enfrentar alguns dos atuais questionamentos que estão postos acerca das relações culturais que estruturam o cotidiano de vida e de produção do conhecimento na área da dança na Educação e Educação Física. O tipo de estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica evidenciando pensadores como Clifford Geertz, Marcel Mauss, Hugo Assmann, Jocimar Daólio, Denise Siqueira, dentre outros que relacionam os estudos da Dança, Cultura, Corpo, Educação e Educação Física. Neste sentido, o destaque é dado à construção significativa do movimento humano, por meio, da prática da dança no processo educacional e o corpo, enquanto expressão viva de existência humana assumindo diferentes possibilidades e limitações para realização e expressão dessa arte. Apresentam-se propostas pedagógicas em danças, especialmente, para o exercício profissional em Educação Física, relacionando-as com as particularidades que caracterizam o currículo da escola e a dança. Portanto, acreditamos no diálogo da dança e seu lugar privilegiado dentro da escola, com transformações de atitudes e entendimentos sobre o jeito de dançar na educação, principalmente pelos professores de Educação Física, área de conhecimento que deve ser enriquecida de forma efetiva por mais uma possível manifestação da cultura corporal de movimento no âmbito escolar. Dança, manifestação culturalmente construída e, portanto, imbuída de relações históricas e sociais.

Palavras-chave: dança, educação. educação física e cultura.

ABSTRACT

Taking as reference the expression dance based on cultural approach, this research aims to study the teaching of this content in the school as a cultural expression of School Education from its insertion in the professional practice of Physical Education. Thinkers and their contributions on the theoretical configuration of culture, education, body, school and dance are presented. The thesis aims to study the technical and scientific knowledge about dance and its variations as content of Physical Education taking as reference for the analysis of physical education and the importance of their integration in school education. The aim is to contribute to the discussion of paradigms that allow addressing some of the current questions that are put on the cultural relations that structure the daily life and production of knowledge in the field of dance in education and physical education. The type of study is characterized as a combination of literature research showing thinkers as Clifford Geertz, Marcel Mauss, Hugo Assmann, Jocimar Daólio, Denise Siqueira, and others that relate the study of Dance, Culture, Body, Education and Physical Education. In this sense, the emphasis is given to the construction of significant human motion by, the practice of dance in the educational process and the body as a living expression of human existence assuming different opportunities and constraints to implementation and expression of art. Possible reflections on pedagogical proposals dance, especially for professional practice in physical education, relating them to the peculiarities that characterize the school's curriculum and dance. Therefore, we believe in the dialogue of dance and its privileged place within the school, with changes in attitudes and understandings about the way of dance in education, especially by teachers of Physical Education, field of knowledge that must be effectively enriched by a further possible manifestation of the culture of body movement within school. Dance, exhibitions built and thus imbued with historical and social relations.

Key-words: Dance, Education, Physical Education and Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 – CULTURA E CORPO: CONHECENDO O MOVIMENTO DA DANÇA A LUZ DA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	21
2.1 – CULTURA: DIÁLOGO DA PLURALIDADE.....	22
2.2 – EDUCAÇÃO	33
2.3 – A ESCOLA PARA ALÉM DO ESPAÇO FÍSICO	40
2.4 – CORPO E MOVIMENTO: EXPRESSÃO DE EXISTÊNCIA	49
2.5 – DANÇA: COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CULTURAL	61
3 – O PAPEL DA DANÇA NA CONCEPÇÃO DE CURRÍCULO ESCOLAR	71
4 – OS PASSOS DE DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	107

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: A Bailarina, Anita Malfatti. (p. 10)

Imagem 02: O Bailinho no Salão, Anita Malfatti. (p. 21)

Imagem 03: O Circo, Candido Portinari. (p. 71)

Imagem 04: Homens Dançando, Candido Portinari. (p. 82)

Imagem 05: Bloco Carnavalesco, Candido Portinari. (p. 103)

INTRODUÇÃO



A Bailarina – Anita Malfatti

Pensar a dança implica, pois refletir sobre um campo que é, sobretudo cultural, mas é também estético, técnico, religioso, terapêutico, lúdico e lingüístico.

(Denise Siqueira)

A Dança adquire significado a partir da sua incorporação enquanto experiência e cultura de diferentes povos. A diversidade de gestos e movimentos configura um corpo cultural, plural de percepções e manifestações. Torna-se, portanto, um meio de comunicação e se expressa em diferentes contextos sociais, evidenciando as inúmeras características, frutos das construções apreendidas culturalmente por diferentes tempos, pessoas e espaços.

A Dança é uma forma de diálogo entre corpo e cultura, ao longo da história humana, fruto da comunicação de diferentes grupos sociais.

As páginas que se seguem são resultantes de uma trajetória dedicada à área educacional, especialmente às práticas pedagógicas em Educação Física Escolar, tendo como objeto de estudo, observações e intervenções com atividades rítmicas e com danças.

A pesquisa na dança e sua importância na área educacional impulsiona minhas atividades acadêmicas, a partir dos diferentes saberes e pensadores da cultura, educação, corpo, dança e escola com estudos relacionando a Educação Física e o processo educacional, ampliando as reflexões encontradas no universo da dança, especialmente no âmbito escolar valorizando a diversidade existente no amplo contexto da cultura.

Durante o Curso de Mestrado em Educação Física realizado na Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP (2001 – 2004) foi possível apresentar uma dissertação com ênfase à valorização da cultura brasileira, especialmente a sergipana, por meio da Dança de São Gonçalo em São Cristóvão, município sergipano e sua relação com os estudos da Corporeidade na Educação Física.

Dessa forma, Sergipe surgiu nas investigações do curso de mestrado, como estado de minha origem e impulsionou as atuais expectativas enquanto pesquisadora e educadora, promovendo reflexões e ações na área da dança escolar. No estado sergipano, bem como em todo o Brasil é possível ver, sentir e participar de diferentes danças folclóricas, folguedos, tais como: a dança de São Gonçalo, Guerreiro, Quadrilhas juninas, Reisados, entre outras importantes expressões rítmicas e culturais da mestiça cultura de tantos povos que em Sergipe e no Brasil se apresentam ao longo da história.

Portanto, estes diferentes ritmos e danças constituem um significativo contexto de expressões dançantes do dia a dia em minha história de vida e cristalizou esta relação, de pura intimidade e, que me torna cada vez mais curiosa e, principalmente, responsável para cumprir papéis enquanto educadora e cidadã. Assim, esta pesquisa pode contribuir com este dinâmico e significativo movimento de conhecer, reconhecer, resgatar e também transformar as diferentes formas de se expressar, das manifestações dançantes encontradas nas diferentes práticas pedagógicas das escolas.

O ritmo da escola que me oportunizou nas fases infantil e adolescente vivência no universo da dança, na própria aula de educação física escolar foi elemento de motivação e decisivo para meu desenvolvimento motor, afetivo, social e cultural, fato que também contribuiu, de forma eficaz, para a escolha da minha área profissional, portanto, esta pesquisa torna-se um meio de reflexão para aquisição de atitudes positivas frente à área da Educação Física, com um novo olhar acadêmico para a prática da dança e suas relações.

Acreditando na importância da dança e seus benefícios para o ser humano, em suas diversas faixas etárias, este estudo valoriza a necessidade de adentrarmos na escola com a prática desta atividade enquanto possibilidade de expressão da cultura, movimento e o processo educacional a partir da prática profissional em Educação Física.

O objeto de estudo desta pesquisa centra-se no ensino das danças na escola e que elas se constituem como expressão cultural da Educação Escolar, a partir da sua inserção na prática do profissional de Educação Física.

A intenção nesta tese emerge da singularidade com que a dança pode contribuir para este público tão plural que são os nossos alunos e alunas. O arcabouço do estudo é constituído de análises da produção do conhecimento acerca do tema proposto, das proposições práticas da pesquisadora, articulando-as numa contribuição para a formação de professores de Educação Física e Dança.

Esta tese é levantada como um trabalho que tem base: a) nos estudos anteriores apresentados em eventos da área de Educação Física & Esportes; b) a partir do estudo de Mestrado em Educação Física (2001 – 2003); c) nas minhas experiências vividas como professora no Curso de Formação de Professores de Educação Física em Universidades e Faculdades de Sergipe e no estado de São Paulo.

Atualmente estou, efetivamente, inserida na Universidade Federal de Sergipe, no Núcleo de Dança, ministrando disciplinas no Curso de Licenciatura em Dança.

Resultado do processo de expansão em andamento na Universidade Federal de Sergipe, o curso de Dança foi criado em 2007 com o propósito de formar profissionais capazes de atuar no campo educacional a partir de visão interdisciplinar e dinâmica da realidade sócio-cultural sergipana. Para isso, tem como um dos seus principais objetivos possibilitar ao futuro licenciado em dança, instrumentais teórico-práticos pertinentes de ação no universo escolar e em outros espaços da cena cultural do estado que exijam o desenvolvimento e a produção de conhecimentos e habilidades ajustados à necessidade de promover maior integração social e soluções para os dilemas contemporâneos.

Nesse início de século, os professores das escolas estão desenvolvendo e valorizando suas práticas pedagógicas em relação às danças. É nesse universo das expressões corporais, que encontramos o espaço para refletir o modo que as danças são exploradas enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física; a configuração técnica e conceitual presente nas aulas de dança na escola; se os professores estão buscando relacionar e aplicar as danças com a cultura brasileira e outras em suas aulas e a forma que a dança é desenvolvida na escola.

Os objetivos desta pesquisa são:

1. Propiciar um conhecimento sobre Cultura, Educação, Escola, Corpo, Movimento e Dança numa perspectiva conceitual.
2. Conhecer características das danças existentes na prática do profissional de Educação Física na escola.
3. Desenvolver reflexões sobre as competências para a produção de conhecimento na área da dança, identificando quais as orientações advindas das

Diretrizes Curriculares e Regulamentação da profissão e como isto impacta os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN`s (MEC / 1997).

O percurso metodológico nesta pesquisa caracterizou-se pela pesquisa bibliográfica a partir dos temas Cultura, Educação, Escola, Corpo e Dança, trazendo a contribuição e estudos de autores que desenvolveram suas reflexões. Estabelecemos dessa forma, problematizações críticas acerca da dança na educação escolar, especialmente na área da Educação Física.

Neste sentido elegemos, pensadores como Clifford Geertz que provocou transformações profundas nos estudos antropológicos do século XX. É considerado o fundador da antropologia interpretativa, uma nova maneira de estudar antropologia partindo de um enfoque interdisciplinar. Para Geertz o pesquisador costuma ser capaz de compreender mais o enigma dos outros do que o de si próprio, e que os enigmas decorrentes da diversidade cultural aparecem nas limitações das próprias pessoas, e não por alguma fronteira social específica.

Outro convidado para esse diálogo é Marcel Mauss que foi um dos mais influentes na antropologia e um dos precursores da escola antropológica francesa. “A Idéia da Unidade Bio – Psíquica – Social do homem”, principalmente na obra “As Técnicas Corporais”, Mauss apresenta o corpo enquanto artefato cultural e afirma que por meio da educação das necessidades e das atividades corporais que a estrutura social impõe sua marca sobre os indivíduos. O corpo para Mauss é uma construção simbólica e cultural.

Na Educação, evidenciamos o pensador Hugo Assmann que no início dos anos 80, foi professor titular de Filosofia da Educação e Comunicação na Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP. Suas obras possuem um caráter fortemente interdisciplinar, transitando entre economia, as ciências sociais, a comunicação e a pedagogia. Na Educação enfatiza as diferentes responsabilidades dos educadores frente as questões do corpo e das práticas pedagógicas. Suas principais obras nesta área são: Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente, Competência e Sensibilidade solidária: Educar para a Esperança, Redes digitais e metamorfoses do aprender, entre outras importantes obras.

Jocimar Daólio, pensador da Cultura do Corpo é docente da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O autor desenvolve seus estudos na perspectiva da valorização de uma Educação Física voltada para a antropologia social e analisa o tratamento dado a cultura nas obras e pensadores da Educação Física brasileira.

Na dança, Denise Siqueira e seus estudos do corpo, comunicação e cultura a partir da dança nos brinda com importantes reflexões filosóficas e antropológicas acerca do corpo enquanto um instrumento construído culturalmente ao longo da história humana e, também, apresenta as características desse corpo que dança em diferentes cenas.

Para Siqueira (2006, p.4) a dança:

... é manifestação social, a dança é, ainda, fenômeno estético, cultural e simbólico que expressa e constrói sentidos através dos movimentos corporais. Como expressão de uma cultura, está

inserida em uma rede de relações sociais complexas, interligadas por diversos âmbitos da vida. Como objeto de estudo, a questão é problematizar o significado da dança como sinal das transformações por que passa a sociedade – atentando para o perigo das generalizações.

O primeiro momento aborda temas que se relacionam efetivamente na existência do ser humano e na prática da dança. Evidencia a comunicação da Cultura, Educação, Escola, Corpo, Movimento e Dança numa perspectiva conceitual.

No segundo momento, o enfoque principal discorre sobre a concepção de currículo escolar e Dança e suas orientações advindas das Diretrizes Curriculares e Regulamentação da profissão e como isto impacta os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (MEC / 1997).

Para Isabel Marques (2003) a entrada da dança na legalidade trouxe consigo outros desafios, entre eles o da busca de consistência e qualidade para seu ensino nas salas de aula. Dado o primeiro passo, o da introdução legal, é preciso hoje ir além e discutir o tratamento que se dá à inclusão da dança nas escolas. Ou seja, é necessário nesse momento pensarmos cuidadosamente em abordagens que permitam problematizar, articular, criticar e transformar as relações entre a dança, o ensino e a sociedade.

O terceiro momento apresenta possíveis contribuições pedagógicas, através de reflexões e experiências sobre diferentes temas dançantes para os educadores que atuam com as danças nas escolas, especialmente para os profissionais de Educação Física, Dança e aqueles que poderão vir a ser. Ressalta-se o trabalho da Educação Física, seu envolvimento e responsabilidade

para a inclusão da comunicação da cultura com a escola por meio do universo dançante.

A Educação Física no âmbito escolar é práxis educativa e deve promover aos alunos diversificados repertórios de manifestações da cultura de movimento do ser humano. Podem ser oferecidas nesta área de conhecimento diferentes dimensões do esporte, ginástica, lutas, jogos, lazer, danças, bem como tantas novas expressões emergentes do movimento humano na contemporaneidade.

A partir da apropriação do saber, esse vinculado à criticidade, ao compromisso, a criação e a socialização dos conhecimentos científicos construídos na área da Dança é possível reconhecer a amplitude de estudos e produções na área da Educação e especialmente na área da Educação Física acerca da dança e suas diferentes relações. Destaco alguns destes estudos e estudiosos que encontrei como pilares para o processo de pesquisa.

Edson Claro (1988) em seu trabalho Método Dança – Educação Física apresenta estudos ortodoxos e alternativas, passando por vivências teórico – prática ocidentais e orientais, com o intuito de sedimentação de sua obra. A preocupação básica deste método está pautada na ligação da Dança com a Educação Física enquanto processo educacional com enfoque multidisciplinar amparado na interdisciplinaridade.

Dantas (1999) em seu trabalho Dança o enigma do movimento propõe uma reflexão sobre a dança com arte e linguagem. A dança é compreendida como forma, técnica e poesia do movimento.

Côrtes (2000) em sua publicação *Dança Brasil! Festas e Danças Populares* vem contribuir para o reconhecimento e a valorização de nossas raízes, possibilitando inúmeras oportunidades de aprendizagens, já que, embalados pelas danças, músicas e festas populares, os brasileiros expressam, de forma exemplar, o caráter multifacetado e único de nosso país.

Nanni (2001), e a *Dança Educação*, fruto de 20 anos de aprendizagem e magistério, brinda as comunidades acadêmicas com um estudo, que recoloca, dialeticamente, a Dança no Universo Educacional. A autora propõe uma sistemática pedagógica para o estudo da Dança, delineando um contorno didático para o conteúdo educativo de sua proposta.

Rangel (2002), em sua obra intitulada *Dança, Educação, Educação Física: Propostas de ensino da dança e o universo da Educação Física*, apresenta, por meio de um levantamento bibliográfico, a retrospectiva de indícios das primeiras manifestações de diferentes tipos de Dança, que pudessem representar envolvimento com aspectos educacionais nas diversas populações. Seu estudo menciona diferentes abordagens, tipos, formas e campos de atuação com a Dança, tanto enquanto atividade, religião ou ainda como componente cultural.

Barreto (2004) em *Dança...Ensino, Sentidos e Possibilidades na Escola*, partindo de suas próprias experiências, busca a compreensão desse fenômeno que envolve a corporeidade e a expressividade humanas, investigando o sentido do dançar. Numa análise mais profunda, apresenta sua concepção estética de educação apoiada em diversos autores contemporâneos.

Rosa (2004) visa refletir sobre o corpo dançante na perspectiva da corporeidade e aponta possibilidades para esse corpo frente a autonomia e liberdade, do ser significante que se expressa com intencionalidade e torna-se um corpo – sujeito na sua existencialidade individual e coletiva.

Góis (2004), no estudo de Mestrado, “A Dança de São Gonçalo em São Cristóvão: a corporeidade no folclore sergipano” (2004) destaca a necessidade da escola abrir espaços para a cultura popular e o compromisso da Educação Física neste processo, por meio dos seus conteúdos com o estabelecimento de uma comunicação com o vasto leque de possibilidades oriundas da cultura popular, apresentando as possibilidades e a importância da valorização da cultura popular nas escolas, especialmente na Educação Física, nos jogos, nas danças e brincadeiras, viabilizando assim a relação do conhecimento com a cultura dos alunos durante o processo educativo.

A incessante busca de aprofundar os estudos em danças na educação e sua importância na Educação Física escolar, obter uma conduta acadêmica com responsabilidade e permeada de significados gera para esta pesquisa e para mim diferentes olhares.

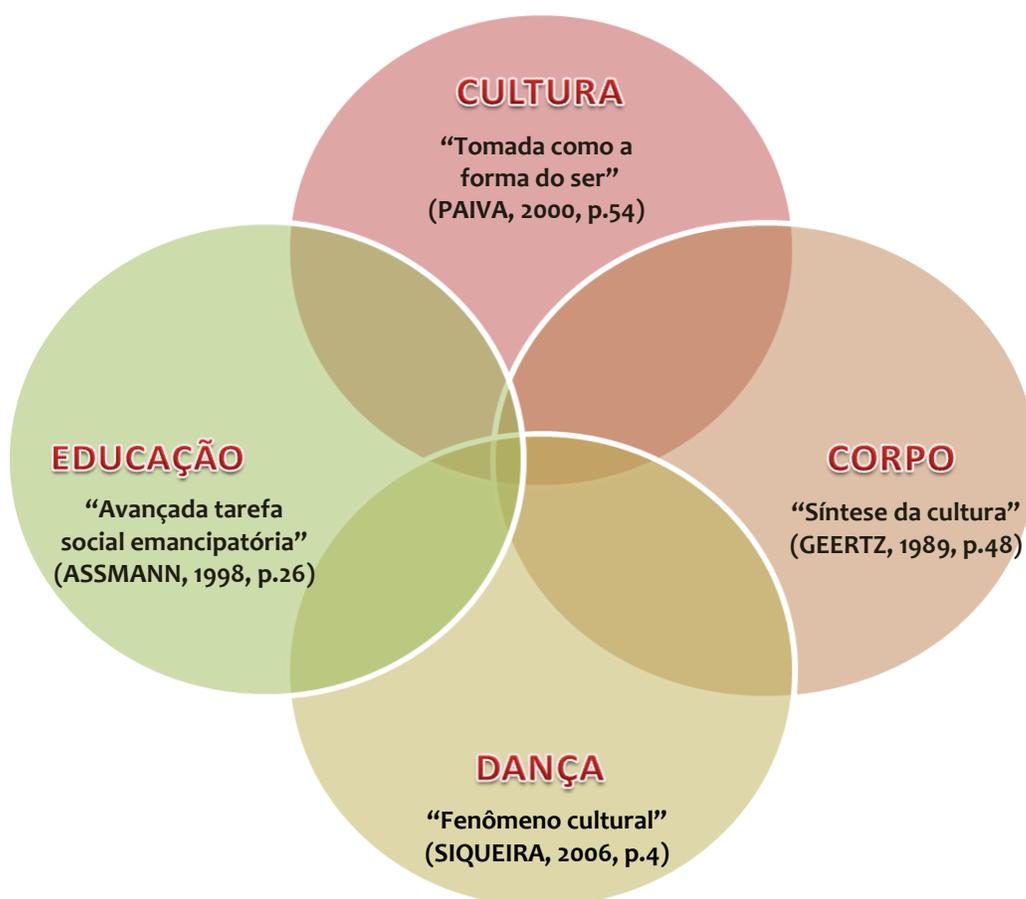
Para aqueles que desta tese se aproximar, fica o convite para prósperas e diversificadas produções na área proposta e outros possíveis entendimentos. Dessa forma, parte deste referencial teórico um novo bailar em diferentes ritmos de mudanças, de sons e passos para uma coreografia repleta de inquietações e intervenções na área educacional.

2 – CULTURA E CORPO: CONHECENDO O MOVIMENTO DA DANÇA A LUZ DA EDUCAÇÃO ESCOLAR



O Bailinho no Salão – Anita Malfatti

2.1 – CULTURA: DIÁLOGO DA PLURALIDADE



Esse esquema construído pela autora surge a partir da reflexão sobre cultura, educação, corpo e dança, enquanto elementos educativos inseparáveis e indissociáveis para análise, que se inicia essa tese, reconhecendo e valorizando a significativa contribuição que os estudos apoiados em análises filosóficas, antropológicas, sociológicas, entre outras ao longo dos tempos, trazem para esse

processo. Dessa forma, considera-se a perspectiva de relações e interdependências nas abordagens conceituais acerca desses elementos nesta pesquisa.

Discorrer sobre cultura torna-se uma experiência concreta em cada época da existência do ser humano, por meio das suas diferentes formas próprias de ser e de agir. Todos os povos possuem, independentemente, de suas crenças, hábitos, costumes e valores, qualidades em seu modo de ser e de viver. Portanto, há uma valorização qualitativa na maneira de cada um ser.

O entendimento conceitual sobre cultura evidencia a necessidade de superação nos modos de limitar ou mesmo modelar a diversidade de possibilidades de se definir e descrever o que é cultura. É necessário assinalar que o entendimento comum de cultura, é dado, enquanto, conjunto de padrões de comportamento de um povo, em termos de crenças, hábitos, valores, entre outros, para tanto, há necessidade de superar este entendimento, mostrando que, para além de um padrão, a cultura é a forma de ser, um movimento constante em busca da existencialidade.

Para Moraes (1996, p.66):

... O ser se constrói na relação, que o conhecimento é produzido na interação com o mundo físico e social, a partir do contato do indivíduo com a sua realidade, com os outros, incluindo aqui sua dimensão social, dialógica, inerente à própria construção do pensamento. Um diálogo que o faz um “ser datado e situado”, que busca projetar-se, sair de si mesmo, transcender, a partir de sua ação e reflexão sobre o mundo e da compreensão de sua própria natureza, humana e divina.

De forma objetiva, pode-se dizer que há padrão. Trata-se, no entanto, de perceber que o ser, ele não é abstrato, ele é concreto e,

por isto, acaba tendo uma forma, forma essa que se põe presente e atua em todas as manifestações do ser. Não é uma forma abstrata, teórica, é bem concreta e, por isto, passível de descrição.

A cultura se apresenta como expressão do jeito próprio de ser do humano que é e vive cercado de diferentes contextos em comunhão com o outro, com o meio e com possibilidades de transformar-se.

Nesta perspectiva, valoriza-se o trato da cultura com um olhar para a pluralidade de aspectos que a concretiza, dando-lhes sentidos e funções dinâmicas e significativas no dia a dia dos diferentes seres que a constroem e reconstroem, estabelecendo elos e contrastes diversos para o viver dos diferentes grupos sociais.

A cultura se manifesta, se realiza em diferentes épocas, em diferentes e próprios modelos do ser e principalmente modifica outras épocas, gera novos modelos, causa importantes impactos no modo de pensar, sentir e agir dos seres humanos em suas diferentes relações.

... a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos, ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.(GEERTZ , 1989, p.24)

E nessas relações a cultura¹ se faz presente, na forma de ser e viver de um grupo social, nas maneiras que se organiza, se expressa, em diversos contextos,

¹ Conceito polêmico, ampliado e transformado ao longo de décadas por antropólogos, historiadores e intelectuais em geral, a noção de cultura continua sendo alvo de discussão e reelaborações, gerando dificuldades e imprecisões. BURITY, 2002, p.15).

tais como a família, estado, cidade, até mesmo aos costumes individuais e coletivos do cotidiano de vida.

Clifford Geertz (1989) apresenta uma análise da antropologia das diferentes dimensões culturais da religião, política e dos costumes sociais. O pensador indica que a cultura é a mediação entre o poder e o objeto de sua ação, isto é possível, pelo fato de que, na Antropologia o conceito de cultura sofre uma revisão e passa a ser visto como um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos e materializado em comportamentos.

Deste modo, a cultura é em parte controladora do comportamento em sociedade e, no mesmo tempo cria e recria este comportamento, devido ao seu conteúdo ideológico, impossível de ser esvaziado de significado, já que toda cultura possui uma ideologia que a embasa. O autor se dedica a desenvolver uma Fenomenologia da Cultura. Tal método seria utilizado para analisar e descrever a estrutura significativa da cultura a partir do estudo da percepção dos indivíduos nela presentes. (GEERTZ, 1989)

O conceito de cultura para Geertz é essencialmente semiótico, para ele o ser humano é um animal amarrado a teias de significados que o próprio ser teceu, sendo a cultura essas teias e a sua análise, tornando-se uma ciência interpretativa e não como uma ciência experimental em busca das leis.

O ponto global da abordagem semiótica da cultura é auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo conceptual, no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos num sentido mais amplo conversar com eles. GEERTZ (1989)

Geertz (1989) afirma que a cultura se realiza nas formas concretas que tomam as relações sociais de um grupo dado e que essas formas da sociedade são a substância da cultura. Ele propõe duas idéias: primeiramente, a cultura não deve ser vista como um padrão concreto de comportamento – costumes, usos e tradições, e sim como um conjunto de mecanismo de controle – planos, receitas, regras e instruções. A segunda proposição baseia-se no fato de, o ser humano ser o animal mais dependente de controles extragenéticos que regulam o seu comportamento.

No constante trilhar de acontecimentos e realizações, o ser humano se desenvolve como síntese e espelho das diferentes culturas presentes em cada localidade, cresce e permanece se desenvolvendo, se transformando e transformando diferentes costumes, ideais, lutas, gestos, imagens, sons, ritmos, festas e ações, resultando assim numa pluralidade complexa e diversificada de manifestações humanas.

Além disso, num mundo globalizado, o diferencial entre os grupos, instituições e indivíduos passa cada vez mais fortemente pela cultura, de forma que esta se torna uma perspectiva obrigatória de discussão do que são e para onde vão as sociedades contemporâneas. (BURITY, 2002, p.7).

Estamos, atualmente, imersos no universo das diferenças e na diversidade de culturas, e plurais visões de mundo, ao longo da história humana. Nesse sentido, a partir da assertiva acima citada, enfatiza-se a possível contribuição de alguns pensadores da cultura, como Geertz, Mauss, nas diferentes áreas do saber, no que se refere ao desenvolvimento dos conhecimentos em diferentes âmbitos de discussões para os olhares na contemporaneidade.

Assim, podemos inserir neste contínuo processo cultural vivências, criações, recriações e transformações a partir do que vivemos e convivemos em diferentes grupos sociais e nas inúmeras e significativas histórias de cada ser.

Paulo Freire (1983, p.12) afirma:

A cultura marca o aparecimento do ser humano no largo processo da evolução cósmica. A essência humana existencia-se, autodesvelando-se como história. Mas essa consciência histórica, objetivando-se reflexivamente surpreende-se a si mesma, passa a dizer-se, torna-se consciência historiadora: o ser humano é levado a escrever sua história.

Nesse sentido, também se torna necessário a ampliação da concepção sobre a história para concebê-la como uma narração de transformações a partir das experiências, das vivências que versam sobre a humanidade.

A história é a comunicação das pessoas e suas relações, seus sentimentos com a própria vida. Toda história é uma leitura subjetiva dos sujeitos que a fazem, portanto produzimos o que é nosso e os resultados dessa produção são sempre subjetivos.

Para Paiva² a subjetividade designa a qualidade criadora da ação do sujeito, ela é condição epistemológica fundando a possibilidade do conhecimento. Os fatos históricos estão nas inter-relações, acontece entre as pessoas, é um processo de relações concretas que se tomam em sociedade, tornando-se uma modelagem que damos as relações.

Paulo Freire (1983, p.13) contempla tal entendimento quando diz:

² José Maria de Paiva é professor titular no Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP e atua na área de Educação especialmente nos temas Organização Popular e Igreja.

... e o ser humano só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum – só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo (...) não há ser humano absolutamente inculto: o ser humano “hominiza-se” expressando, dizendo o seu mundo. Aí começa a história e a cultura (...).

É nessa perspectiva de entender a história e a produção do ser que vive dentro das suas particularidades, a partir das suas experiências e que em contato com o outro produz e dá vida ao que chamamos de cultura é que se baseia o nosso estudo sobre dança. Uma construção contínua de ações e relações para infinitas direções em sua trajetória de vida é que constrói o humano no ser.

Segundo Gertz (1989, p.64):

Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas.

A experiência humana emerge da sensação significativa, interpretada e aprendida. Geertz (1989) percebe a questão da compreensão dos padrões culturais, organizados por símbolos sociais, que se manifestam nos comportamentos individuais como uma questão fundamental para a antropologia.

Dessa forma, o ser humano encontra sentido para os acontecimentos por meio dos quais ele vive e se desenvolve, seja dos padrões da cultura, da organização, da ordenação de símbolos significativos. Tais como, linguagem, organização familiar, organização social, hábitos, valores, entre outros.

Para Geertz (1989) o maior papel da moderna teoria antropológica é o de diminuir a amplitude do conceito de cultura e transformá-lo num instrumento mais

especializado e mais poderoso teoricamente. O ser humano que se torna, assim, não apenas o produtor da cultura, mas também o produto da cultura, busca uma definição de ser humano baseada na definição de cultura.

Todas as nossas experiências refletem nossos costumes, crenças, idéias, hábitos e valores de uma sociedade em uma época, em que de maneira particular, em cada caso, expressamos de forma singular nossos mundos. Sendo assim, muitas pessoas ainda vivem alienadamente tratando os acontecimentos, objetos e pessoas como fenômenos isolados (GONÇALVES, 1994).

Cultura deveria, portanto, ser um termo empregado no plural, já que não se constitui num complexo unificado coerente, mas sim, num conjunto de “significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados”, que são construídos socialmente, variando, portanto, de grupo para grupo e de uma época a outra. (BURITY, 2002, p.15).

A cultura é geralmente e usualmente entendida, abordada como algo diferente do ser humano, algo que está fora do ser. Ela não é entendida como processo de aprendizagem do ser, portanto, que influencia e modifica o ser humano. A cultura não é um produto, e sim, uma expressão de ação do ser. Tudo o que o ser humano faz é produção e irá transformar-se. Este ser é uma totalidade, é um todo, indivisível, ou seja, é uno. A cultura se define, pois, como transformação; como transformação da forma de ser.

Segundo Moraes (1996), necessitamos olhar o mundo como um todo indiviso e que todas as partes do universo, do planeta, se unem, se fundem e estão completamente unidos. A visão de totalidade é o ponto vital para qualquer

paradigma e o ser humano fragmenta a realidade a partir do seu pensamento.

Para a autora:

Não há separatividade, inércia ou passividade em nada neste mundo. Tudo está relacionado, conectado e em renovação contínua. O todo é a coisa fundamental e todas as propriedades fluem de suas relações. Esta visão nos leva a compreender o mundo físico como uma rede de relações e não mais como uma entidade fragmentada. (MORAES, 1996, p. 61).

Nesta perspectiva a Cultura Popular se apresenta enquanto abordagem conceitual de cultura não como fragmentação da cultura e sim a partir da incessante transformação que as sociedades sofrem em diferentes épocas da história. Entende-se como cultura popular a cultura do povo, resultado de diferentes atividades pertencentes a cada sociedade, salientando aqui, que não há um entendimento de cultura que não seja produzida e sendo, portanto, do povo.

A cultura do povo representa o resultado de um conjunto de interações de pessoas e suas diferentes atividades cotidianas bem como de adaptações para sua existência e relações em diferentes ambientes. Daí pode-se considerar as crenças, artes, linguagem, idéias, hábitos, tradições, usos e costumes, artesanato, folclore, danças, entre tantas outras expressões.

Geertz (1989, p.61) afirma:

... nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura – não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura (...) de classe alta e classe baixa, acadêmica e comercial. A grande capacidade de aprendizagem do homem, sua plasticidade, tem sido observada muitas vezes, mas o que é ainda mais crítico é sua extrema dependência de uma espécie de

aprendizado: atingir conceitos, a apreensão e aplicação de sistemas específicos de significado simbólico.

Assim como Geertz, diversos pensadores discutem a cultura, seus significados e suas possibilidades de relações. Ao analisar a cultura e o corpo nas sociedades em diferentes momentos da história, pode-se perceber a diversidade de funções e sentidos atribuídos para este corpo e para cultura.

No que se refere aos estudos do corpo que se movimenta, nesta pesquisa, contemplamos os estudos do educador da Educação Física Jocimar Daólio que aproxima e entende suas reflexões acerca da importância dos estudos da antropologia para se desenvolver práticas pedagógicas em diferentes atividades do movimento humano “... o homem aprende a cultura por meio do seu corpo e o que define o corpo é o seu significado, não só nas semelhanças, mas também pelas diferenças construídas por cada sociedade” (DAÓLIO, 1998, p.40).

Daólio (1997, p.53) compreende o corpo enquanto:

“(...) uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa). Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões”.

Neste sentido, aproximamos também dessa assertiva, a possibilidade da Dança, enquanto, manifestação social, é, ainda, fenômeno estético, cultural e simbólico que expressa e constrói sentidos por meio dos movimentos corporais.

Para Siqueira (2006, p.4) a dança:

Como expressão de uma cultura, está inserida em uma rede de relações sociais complexas, interligadas por diversos âmbitos da vida (...) a questão é problematizar o significado da dança como sinal das transformações por que passa a sociedade – atentando para o perigo das generalizações.

No que tange as constantes transformações que acompanham as pessoas e suas relações nas diferentes culturas, ressalta-se o século XXI enquanto marco da diversidade para o desenvolvimento humano.

No relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Delors (2006, p. 100) afirma:

O século XXI necessita desta diversidade de talentos e de personalidades, mais ainda de pessoas excepcionais, igualmente essenciais em qualquer civilização. Convém, pois, oferecer às crianças e aos jovens todas as ocasiões possíveis de descobertas e de experimentação – estética, artística, desportiva, científica, cultural e social –, que venham completar a apresentação atraente daquilo que, nestes domínios, foram capazes de criar as gerações que os precederam ou suas contemporâneas.

Nesse sentido, evidenciamos a importância da existência e prática da dança na escola, enquanto desafio da educação na contemporaneidade, enriquecendo os indivíduos de experimentação e novas possibilidades de comunicação do corpo e a cultura.

2.2 – EDUCAÇÃO

A atual forma de se viver impulsiona o ser humano para novas visões sobre a própria vida e suas relações, estabelecendo dessa forma uma constante e dinâmica vinculação entre vida e movimento. É estar neste universo com a capacidade ilimitada de aprender. As tecnologias surgem e avançam a cada dia evidenciando as possibilidades do ser e assim suas limitações.

Moraes (2004, p.1) afirma:

A realidade, como hoje se apresenta, não deixa de ser um desafio ao mundo desvalorizado e mal pago da educação. Ao mesmo tempo, impulsionada pela entrada das novas tecnologias digitais, este momento se revela como uma grande oportunidade para catalisar mudanças educacionais importantes e transformar a maneira como concebemos a escola, a educação e a própria dinâmica vida.

A educação se apresenta neste panorama da contemporaneidade como peça chave para instaurar transformações emergentes nas formas de pensar, sentir e viver do ser em meio ao conhecimento. Para Moran (2007, p.167) “Quanto mais tecnologias avançadas, mais a educação precisa de pessoas humanas, evoluídas, competentes e éticas”.

Partindo da concepção de valores atribuídos ao ser por meio do paradigma atual em educação, entende-se a necessidade da relação da aprendizagem com a vivência do ser humano como forma de compreender e de transformar o que pode ser transformado nas diferentes formas de saber e de convivência humana, ampliando dessa forma, a visão sobre o processo educacional e o conhecimento.

Pensar e viver o conhecimento e a educação enquanto movimento como forma significativa surge da capacidade de construção e reconstrução das diferentes relações e reflexões sobre a existencialidade ao longo da história humana, tornando-se um desafio para os educadores bem como para todos os indivíduos.

A educação não pode ser vista e significada socialmente enquanto produto ou mercadoria, ela é, primeiramente, dever do estado e um bem inalienável. Ou seja, ela não pode e não deve ser ela mesma o elemento de desigualdade e de exclusão. Ela tem que estar articulada a cidadania e ao trabalho; vetores significantes do processo formativo humano.

O papel da educação é de organizar-se frente às muitas incertezas, erros e ilusões, as ditas “cegueiras do conhecimento”, como as denomina Morin (2002), em fazer conhecer o que é conhecer, fazendo um enfrentamento permanente aos erros e as ilusões, na busca dessa lucidez na educação que visa transmitir o conhecimento unicamente, não pode continuar ser tão cega quanto ao que é o conhecimento humano nos seus diversos olhares multifacetados. (QUEIROZ, 2003)

A questão fundamental da educação é a aptidão para organizar e reconhecer o conhecimento. Ensinar a condição humana a reconhecer a unidade e a complexidade, de modo que cada um tome consciência e conhecimento de sua identidade, reconhecendo, valorizando e respeitando a diversidade cultural é uma das funções da educação. Ensinar a identidade terrena do gênero humano,

conhecendo e desenvolvendo-se, estabelecendo comunicação intercontinental, de forma solidária e sem opressões; renascendo a sabedoria de viver e estar junto.

É preciso definir novos papéis sociais no processo educacional. A aprendizagem deve existir a partir da manifestação da responsabilidade do professor bem como do aluno no processo de ensino e aprendizagem e que se apresenta em constante processo de desenvolvimento. O conhecimento deve ser permeado de significados para os envolvidos neste processo, sintetizando a amplitude e a relevância do que está sendo compartilhado.

Carecemos de enxergar em novos rumos, outras possibilidades, contextualizadas, re-apreendidas, re-significadas; precisamos resgatar o “humano” dos seres, sair desse posicionamento desumanizado que nos impede de vermos a nós mesmos. Re-significar a ética na estética, promovida com acesso a cidadania e a inserção, aceitação e sentimento de pertença numa comunidade organizada. (QUEIROZ, 2003).

Segundo Read (2003, p.12):

A educação é incentivadora do crescimento, mas, com exceção da maturação física, o crescimento só se torna aparente na expressão – signos e símbolos audíveis ou visíveis. Portanto, a educação pode ser definida como o cultivo dos modos de expressão – é ensinar crianças e adultos a produzir sons, imagens, movimentos, ferramentas e utensílios (...) se consegue produzir boas imagens, é um bom pintor ou escultor; se pode produzir bons movimentos, um bom dançarino ou trabalhador. Todas as faculdades, de pensamento, lógica, memória, sensibilidade e intelecto, são inerentes a esses processos, e nenhum aspecto da educação está ausente deles. E são todos processos que envolvem a arte, pois esta nada mais é que a boa produção de sons, imagens, etc. Portanto, o objetivo da educação é a formação de artistas – pessoas eficientes nos vários modos de expressão.

Pode-se afirmar a existência de um novo olhar para a educação da contemporaneidade e dessa forma é possível estimular o sentido artístico de todos que se encontram neste universo de conhecimentos. Um possível despertar para arte na educação pelo movimento, dançando, pintando, jogando, cantando, construindo e especialmente vivenciando novas formas de conhecer e se conhecer como um ser ativo, saudável e capaz de intervir na sociedade com autonomia.

Para diferentes pensadores, tais como Assmann (1994), Freire (1997), Saviani (2000) a educação necessita de novas formas de existência, superando os modelos que engessam e cansam os alunos e também os educadores. A motivação, a capacidade de aprender por meio de estímulos inovadores no processo educacional, tais como a ênfase as expressões corporais, especialmente, pensando e fazendo a educação pelo movimento. Como afirma Assmann (1994, p. 101):

Nós somos encadeamento de fases de trânsito, somos constante passagem, somos estruturalmente motricidade, porque somos o que em hebreu se expressa com pessah (páscoa, passagem). Somos histórias e não apenas natureza. Somos duplamente tempo: tempo cronológico, que se mede no relógio (chronos) e tempo único, intenso, existencial (“duração”, durée; kairós, “hora da graça”). Não somos pedras, não somos máquinas, não somos estátuas. Somos energia desatada em movimentos.

Busca-se no paradigma atual em educação compromissos que eliminem a inércia dos indivíduos e a sua capacidade de conformismo que inunda diferentes aspectos educativos e suas relações. O modelo de construção que urge na realidade educacional requer dinâmica de expressões, liberdade para as possíveis

rupturas de verdades que ao longo dos tempos cristalizaram-se nas mais diversificadas áreas de conhecimento do ser humano.

Necessita-se de modelos para uma formação do ser, pautadas em aprendizagens significativas como um processo em constante construção. Novos modelos para a importante relação do ser humano com a natureza, com o meio ambiente, que promove desafios em cada canto do mundo, solicitando dos seus moradores, outras formas de cuidar.

Maria Cândida Moraes (2004) afirma que necessitamos de novas pautas pedagógicas para ajudar no conhecimento e reconhecimento, que há um novo tempo, há uma nova educação, apresentando novos diálogos, novas parcerias. Um novo desafio carregado de valores, como de encontrarmos novas culturas que promovam uma nova consciência. “A única verdadeira mundialização que estaria a serviço do gênero humano é a da compreensão, da solidariedade intelectual e moral da humanidade”. (MORIN, 2000, p.103)

A Educação contemporânea deve estar preocupada com as situações do cotidiano para a formação de um novo ser, um ser cidadão envolvido e comprometido com as ações educativas e as questões do seu planeta, do seu ambiente, com a complexidade do contexto que o acompanha.

Como Assmann (1994) chama a atenção em suas obras sobre educação é preciso entender que educar não é somente salvar as vidas dos educandos, é possibilitar que a vida se perpetue e prossiga; agindo, assim, não salvaríamos apenas uma geração, mas possibilitaríamos também que as outras possam emergir frentes aos desafios existentes na condição humana.

Mediante o exposto, é importante perceber a complexidade existente na educação e principalmente para as mudanças necessárias no processo educacional e dos sujeitos.

Como afirma Freire (2003, p.151):

Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica, social, como dela fazem parte a criação, a invenção, a linguagem, o amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a dúvida, a curiosidade, a arte, a magia, a ciência, a tecnologia.

Dessa forma, ressalta a necessidade de recorrermos e incorporarmos aos princípios de um pensamento complexo, ou seja, na dialética existente e cada vez mais ampla no processo educacional, partindo para a flexibilidade dos pesquisadores, e conseqüentemente dos educadores com as diferentes situações educativas em diferentes ambientes de aprendizagem, tais como nas escolas. Afinal, recorrendo a Assmann (1998, p. 26) temos:

A pedagogia escolar deve estar ciente, por um lado, de que não é a única instância educativa, mas, pelo outro, não pode renunciar a ser aquela instância educacional que tem o papel peculiar de criar conscientemente experiências de aprendizagem, reconhecíveis como tais pelos sujeitos envolvidos. Para adquirir essa consciência deve estar atenta, sobretudo, ao fato de que a corporeidade aprendente de seres vivos concretos é a sua referência básica de critérios.

A partir dessas reflexões entende-se o ser humano na sua totalidade, na sua intenção de romper paradigmas, dogmas e valores ultrapassados na educação, busca - se apresentar uma possibilidade, que se manifesta culturalmente, na expressão de sentidos, de significados, de histórias, de desejos,

de crenças: a representação do corpo, fruto dos inúmeros significados e intenções de diferentes indivíduos e de uma herança culturalmente diversificada.

Na obra “A educação pela arte”, Read (2001, p. 45) afirma:

O objetivo da arte na educação, que deveria ser idêntico ao propósito da própria educação, é desenvolver na criança um modo integrado de experiência, com sua correspondente disposição física “sintônica”, em que o “pensamento” sempre tem seu correlato na visualização concreta – em que a percepção e o sentimento se movimentam num ritmo orgânico, numa sístole e diástole, em direção a uma apreensão mais completa e mais livre da realidade.

Os/As diferentes alunos/as vivem em contextos sociais, políticos, econômicos e culturais tão desarmoniosos, e encontram-se, ainda assim, dispostos a acompanhar ritmos próprios para executar constantes apresentações que podem ser impostas pelos modelos educacionais no país, reforçando assim, a exclusão, a padronização e mecanização, dessa forma, refletindo e resultando na possível limitação de pensamentos e sentimentos.

Nesse grande universo de percepções, sentidos e significados, é possível observar, nas atividades educativas de uma forma geral, a grande capacidade dos seres humanos transformarem suas ações, gestos em histórias, movimentos em personagens. Assim, a partir de tantas passagens, de diferentes épocas, vislumbramos a imensa relação da educação com a escola, como um espaço de desenvolvimento não apenas cognitivo, mas de ampliação das relações sociais e culturais.

2.3 – A ESCOLA PARA ALÉM DO ESPAÇO FÍSICO

A escola é considerada o local que abarca inúmeros seres humanos dotados de histórias e suas relações ao longo dos tempos. Um espaço de encontros, de comunicações e expressões individuais, coletivas e de forma própria construídas historicamente no ritmo das mudanças e transformações da sociedade em que vivemos.

O que é a escola senão o espaço para a qual convergem “todas” as crianças e adolescentes que podem formar-se para a vida, individual e coletivamente; desenvolvendo e maturando-se. Podendo inter-relacionar-se com diferentes culturas, ampliando possibilidades, reconhecidas ao ultrapassar suas “(im)possibilidades”. O que é senão um espaço sem fim, inacabado, ilimitado e incompreendido, as vezes, por mãos e corpos de muitos desconhecidos, tornando-se descaracterizado. (QUEIROZ, 2003).

A escola ao longo da sua existência deve garantir o processo de transmissão, sistematização e assimilação de conhecimentos, habilidades e competências produzidos historicamente pela humanidade, de modo que seja permitido para as novas gerações a interação e a intervenção na sociedade. Saviani (1991, p.23) destaca que “a escola existe, (...) para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado e aos rudimentos desse saber”.

A função da escola consiste em sociabilizar conhecimentos científicos e culturais, democratizando o ensino, promovendo a formação da cidadania e do

sujeito autônomo. Ela constitui-se num local, o qual se encaminha crianças, jovens, e adultos que almejam à formação e a instrumentalização para a vida em sociedade, capacitando-os à emancipação e autonomia, à cidadania e ao mundo do trabalho.

A escola pode oferecer aos alunos possibilidades de conhecer, reconhecer e transformar diferentes manifestações do saber a partir da produção de novas ações, capacitando-os para atitudes, escolhas e relações significativas com o saber e o fazer durante o processo educativo. É pertinente estimular os alunos para criar e se apropriar por meio da sua corporeidade, aprendendo, movimentando e se desenvolvendo.

Dessa forma, lançamos e incentivamos uma cultura escolar, na qual, destaca-se a grande importância da aprendizagem pelas experiências, das múltiplas e diversificadas vivências.

Segundo Moraes (2004, p. 3)

Precisamos tomar consciência que muitas de nossas práticas pedagógicas ainda encontram-se fundamentadas no velho paradigma da ciência sem vida, sem cor, sem cheiro e sem sabor, pois sujeito e objeto estão separados. Por outro lado, sabemos que a ciência do passado produz uma escola morta, dissociada do mundo e da vida. Uma educação sem vida, produz seres incompetentes, incapazes de pensar, refletir, de construir e reconstruir conhecimentos e realizar descobertas científicas. É uma escola voltada para uma educação do passado que separa aprendizagem e vida, que produz indivíduos incapazes de se autoconhecerem, de se compreenderem como fonte criadora e gestora de sua própria vida, como construtores do conhecimento e autores de sua própria história.

É necessário que a escola abra a porta para a entrada efetiva da cultura do movimento e perceba que o educador ainda não vê a motricidade como fonte de

conhecimento, e muito menos como uma função significativa da nossa identidade cultural.

A Escola, por meio das atividades desenvolvidas, das aulas poderá promover um desenvolvimento integral e de formação de cidadania. A aprendizagem na Educação escolar pode ser desenvolvida de forma mais significativa a partir da relação discente–docente pautada na co – responsabilidade de forma equilibrada com intuito de promover uma dinâmica nas reflexões e principalmente nas ações para uma intervenção mais justa dos nossos trabalhos na área do movimento humano.

(...) os sentidos funcionam como janelas do conhecimento é tão corrente que o próprio conceito de conhecimento começou a ser visto como rachado em dois subsistemas: o indivíduo e o meio, o receptor e o emissor, o aluno e o professor, etc. (ASSMANN, 1998, p. 37).

Dentre tantas importantes áreas de conhecimento tratadas na escola, esta pesquisa valoriza a Educação Física, enquanto, práxis educativa de intervenção profissional.

Esta área estuda as diferentes manifestações e expressões da cultura de movimento humano, estimulando o conhecer, o assistir e o praticar, tematizadas nas diferentes dimensões da ginástica, do jogo, do esporte, do lazer, da dança, das lutas, bem como outras manifestações emergentes de mesma natureza.

Gonzáles; Fensterseifer (2008, p. 148) ressaltam que:

Na escola, a Educação Física “recorta” a cultura corporal de movimento, tendo em vista a intenção de propiciar aos alunos a apropriação crítica da cultura corporal de movimento³, associando

³ O conceito de cultura corporal de movimento deve ser entendido a partir do processo de ruptura com a visão biologicista – mecanicista do corpo e do movimento situado de forma hegemônica na Educação Física até o

organicamente o “saber movimentar-se” ao “saber sobre” esse movimentar-se (...) o papel da Educação Física (e não só na escola) é fazer a mediação simbólica desse saber orgânico para a consciência, levando o sujeito à autonomia crítica no âmbito da cultura corporal de movimento.

O objetivo da Educação Física é a formação, a ampliação e a emancipação dos indivíduos, conscientizando-os para a adoção de um estilo de vida ativo, saudável, crítico e criativo, apoiados na ética, na autonomia e na superação. Portanto, a Educação Física, fundamentada nos diferentes campos e disciplinas científicas, tem o propósito específico de socializar a cultura de movimento humano.

Segundo Resende (1996) a Educação Física deve possibilitar aos alunos a vivência sistematizada de conhecimentos/habilidades da cultura de movimento humano, balizada por uma postura reflexiva, no sentido da aquisição da autonomia necessária a uma prática intencional, que considere o lúdico e os processos sócio-comunicativos, nas perspectivas da formação e da emancipação cultural visando a ampliação das possibilidades de adoção de um estilo de vida ativo, ético e saudável.

Vivenciamos os conhecimentos da Educação Física na escola por meio da Ginástica, Jogo, Esporte, Dança, Lutas, entre outras expressões do movimento.

Ginástica é manifestação polimórfica e polissêmica de movimentos que, com ou sem aparelhos, apresenta diversidade de experiências corporais, comunicando-se com a cultura, a estética e a arte do praticante. Partindo de objetivos diversos, tais como, saúde, lazer, estética, arte, competição, entre

início da crise epistemológica ocorrida nos anos 80. Assim sendo, o conceito veio representar a dimensão

outros, pode e deve estar presente na escola, clubes, praças e demais espaços que possibilitam sua expressão.

Para Gonzáles; Fensterseifer (2008, p.211):

A compreensão do que é realmente a ginástica nos dias de hoje merece uma análise mais detalhada. Dentro do leque de possibilidades que oferece o exercitar o corpo em movimento, temos os diferentes fins para os quais a ginástica é solicitada (...) no entanto em cada um dos fins podemos encontrar alguns elementos em comum, que é a melhoria da aptidão física, entendida como estar preparado para executar uma determinada ação, independentemente dos requerimentos energéticos que possam ser solicitados no desenvolvimento da ação ou elementos motivacionais que possam estar envolvidos.

A Ginástica na escola deve oferecer um vasto repertório de atividades com ênfase a ludicidade, à criatividade promovendo a participação dos alunos no processo de conhecimento e desenvolvimento nos diversos tipos de ginástica, seus fundamentos, técnicas e especialmente adaptações para o espaço escolar, evidenciado na utilização de materiais alternativos.

O Jogo é presente na essência do divertimento e na dinâmica da existência humana, o jogo torna-se uma atividade livre, não séria e ao mesmo tempo capaz de envolver e aprisionar seus jogadores. Dessa relação surgem as regras e as delimitações de sua prática. Assim como o trabalho adquire significado socialmente construído para o adulto, o jogo é o alimento para o crescimento da criança.

Segundo Gonzáles; Fensterseifer (2008, p.248):

A idéia de jogo mais defendida para a aula de Educação Física (salvo nos casos em que se utiliza o jogo para não dar aula) é a do

histórico – social ou cultural do corpo e do movimento. (Gonzáles; Fensterseifer, 2008, p. 109).

jogo útil; uma idéia, se permitem o termo, instrumental do lúdico.

A importância e existência do jogo, da brincadeira e do brinquedo são inegáveis na escola. Eles não estão de certa forma, oficializados no Projeto Político-Pedagógico, assim, eles aparecem e desaparecem na sala de aula.

A definição do esporte é praticamente impossível pela grande diversidade de significados. Enquanto prática histórico-cultural pode-se dizer que seu desenvolvimento dar-se-á por meio da execução que parte de movimentos básicos aos mais complexos, variando na especialização das técnicas nas diferentes modalidades.

Para Gonzáles; Fensterseifer (2008, p. 170):

(...) o esporte é entendido, num sentido restrito, como uma prática motora/corporal: a) orientada a comparar um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos; b) regida por um conjunto de regras que procuram dar aos adversários iguais condições de oportunidade para vencer a contenda e, dessa forma, manter a incerteza do resultado, e c) com essas regras institucionalizadas por organizações que assumem (exigem) a responsabilidade de definir e homogeneizar as normas de disputa e promover o desenvolvimento da modalidade, com o intuito de comparar o desempenho entre diferentes atores esportivos (por exemplo, nível mundial).

Compreendida enquanto manifestação do corpo que vai desde as brincadeiras de cabo-de-guerra até práticas mais complexas como a capoeira, as lutas são também expressão da exclusão e da opressão entre as classes. Traz em seus movimentos a luta marcada na história pelas diferentes gerações, gerando um vínculo de comunicação entre a escola e a rua, a família e o aluno, o erudito e o popular.

Presente na fala, nas roupas, na comida, na música, na violência, essa cultura transcende o gesto e se faz processo pedagógico que ensina novos golpes, novas gingas para que na luta diária pela sobrevivência, o aluno possa lutar, dispondo das melhores armas: ética, dignidade e respeito. Nesse sentido, vê-se que a luta se configura na própria existência e na consciência que todos devem ter para poder manifestar-se enquanto ser.

A dança desenvolvida na Educação Física deve garantir diferentes possibilidades de criação no que se refere ao repertório motor, coreográfico e ao entendimento dos gestos, estimulando reconhecimento de valores humanos, na crítica e na criatividade da expressão e dos possíveis e diferentes dançarinos presentes na escola.

Gonzáles; Fensterseifer (2008, p. 125) afirmam:

Uma dança é uma forma de existência humana, a qual não pode ser aprisionada nos limites de uma descrição, demonstração ou apresentação – apesar da constância “aparente” da sua forma –, pois se reconstrói a cada existencialização/execução nos corpos dos dançarinos e das dançarinas.

Para que esses conhecimentos inscritos culturalmente possam vir a ser percebidos, praticados e defendidos na escola, faz-se necessário a presença do (a) Professor (a) de Educação Física, desenvolvendo práticas qualificadas que estimulem as reflexões e ações significativas para o projeto político pedagógico na escola.

Neste contexto escolar queremos apresentar a Educação Física enquanto atividade de construção e possível alicerce para uma escola que valoriza cada aluno e sua ilimitada capacidade de movimentar, criar e recriar.

De acordo com Barreto (2004) é fundamental buscar, na educação, a essência da beleza, procurando compreender o sentido da escola no corpo, nos sentimentos, na experiência e na vida. Se compreendermos esse sentido, será possível reconstruí-lo.

Deve-se entender a escola como um local de construção e de socialização de conhecimentos, a partir do que conhecemos e vivenciamos. Deixar de lado a educação tradicional reprodutivista, que tem como objetivo transmitir conhecimentos acumulados há séculos, sem a preocupação de reconstruí-los, num processo de (re)significação, desrespeitando a dinâmica cultural em que vivemos.

Conforme Barreto (2004), a escola que temos parece querer estimular a obediência e a ordem, jamais a liberdade e a autonomia essenciais à criação e à construção de conhecimentos de um mundo humanamente experienciado. Contempla ainda, a idéia de uma escola palco que inaugura, como seus objetivos, a construção e a socialização de conhecimentos pela liberação da imaginação, da criação, respeitando a diversidade e preservando as particularidades de cada um destes conhecimentos, fornecendo estímulos à expressão e à comunicação entre pessoas, valorizando a experiência humana no mundo.

A escola seria de fato o lugar da educação, da liberdade e do ser. O educando seria capaz de explorar algumas atitudes como a improvisação, criatividade, construção e apreciação de conhecimentos, por meio de diversos conteúdos, entre eles, a dança.

Dentro do contexto escolar, é necessário caracterizar a disciplina Educação Física como uma grande facilitadora para o alcance dos objetivos educacionais

atuais, ou seja: na instrumentalização dos alunos para a compreensão do processo de aprendizagem no qual não existe idade para se começar aprender, mas que estamos fadados a aprender sempre, pois não há outra finalidade humana senão aprender na vida a própria vida. Sustentados e destacados no exercício de aprender a aprender; aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser - Pilares da educação propostos pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI para a UNESCO.

2.4 – CORPO E MOVIMENTO: EXPRESSÃO DE EXISTÊNCIA

O corpo é movimento, expressão e sensibilidade. É presença no mundo em suas diferentes formas de existência. Movimentar – se na complexidade de intenções e âmbitos do ser requer significados e novas tomadas de decisões frente às transformações que acompanham a corporeidade, a cultura e a educação.

No universo das múltiplas concepções sobre o corpo, a corporeidade constitui-se no elo, no possível diálogo com as práticas pedagógicas do movimento. A corporeidade é entendida enquanto um sistema complexo, dinâmico e que se referencia pela existência do ser humano e suas relações infinitas com a cultura do meio em que vive, afinal, o ser humano está sempre sendo influenciado pelos fatores sócio-culturais do meio em que vive.

Segundo Maneschy (2001, p. 5) “corpo que se educa no âmbito da cultura brasileira é corpo que vive e luta...”. Nesta perspectiva, o corpo está sujeito a informações inculcadas pelo contexto o qual está inserido podendo ampliar ou restringir seu repertório de movimentos, já que esse não é referendado somente pelas suas condições biológicas.

O corpo deve ser entendido e vivido como mais que um conjunto de músculos, ossos e articulações. No corpo está a própria cultura de um povo, que também é escrita através de signos da sociedade. Atuar no corpo implica atuar na sociedade referenciando assim esse corpo (DAÓLIO, 1995).

As sociedades que se instalaram em diferentes épocas fizeram com que a dança tomasse formas e movimentos a partir de suas organizações culturais, nas quais, cada corpo trouxe as marcas de seus valores, crenças, leis e sentimentos que fundamentaram a base da vida social (GONÇALVES, 1994).

Portanto, o ser humano executa movimentos resultantes de experiências anteriores oferecidas ao seu corpo, devido ao convívio com determinados grupos sociais, transmitidas por meio de imitações e tradição, independente de um processo formal de aprendizagem.

Gonçalves (2004, p.29) afirma:

A noção de corporeidade trata das condições concretas do corpo e das potencialidades virtuais do seu aprender, na relação de seu entorno designando – o em sua auto – organização criativa, plena de possibilidades que, na multiplicidade de corpos vividos, apontam horizontes sempre cambiantes e provocadores dos cenários possíveis a serem co – construídos.

O termo corporeidade expressa uma visão que ultrapasse a dicotomia existente entre corpo e mente visando à manifestação total do corpo, sua história e seu sentido vivencial. A corporeidade existe enquanto a própria condição do ser humano, é o modo de ser do humano, a partir da consciência e da possibilidade de transcendência. Neste sentido, o corpo deve deixar de ser apenas uma estrutura de carne, músculos, órgãos e ossos para ser sujeito e se relacionar com o mundo.

O sujeito, portanto, vai além de sua história produzindo e transformando as relações, interações como forma integrada e com novos olhares para a aprendizagem significativa.

Atualmente, diversos autores, tais como Daólio (1995), Mauss (1974), entre outros, discutem o corpo: seus significados e suas possibilidades. Muitas vezes, imprimindo-lhe um caráter depreciativo a esse substantivo: elegante, discreto, saudável, sensual, ridículo, sarado, bombado, gostoso, feio, inteiro, fraco, gordo, esquelético, entre outros. Historicamente, o corpo teve vários “modelos” aceitos e perseguidos culturalmente.

Nessa perspectiva, os estudiosos refletem e constroem referenciais teóricos pertinentes à corporeidade, contribuindo assim para uma compreensão complexa da existência do ser no contexto educacional.

Assmann (1994, p. 75-76) considera que:

O assunto corporeidade é tão agudamente relevante para a Educação em geral, para a vida humana e para um futuro humano neste planeta ameaçado, que urge alargar nossa visão para incluir necessidades ainda não suficientemente despertadas, mas que seguramente se manifestarão mais e mais ao ritmo da deterioração da Qualidade de Vida.

A corporeidade nessa pesquisa significa um complexo sistema de inter – relações do ser humano, o outro, o meio e as diferentes manifestações corpóreas, tais como as expressões artísticas presentes na cultura do ser. O corpo está vivo, portanto, imerso em sentidos e percepções para vivenciar diferentes situações, construir relações e concretizar ações para cada indivíduo.

No contexto educacional, a construção do conhecimento na contemporaneidade promove uma diversidade e ampla reflexão sobre o processo ensino e aprendizagem sobre as questões da corporeidade e sua implicação nas diferentes áreas do saber, evidenciando novos comprometimentos dos

educadores frente às práticas pedagógicas no que se refere ao movimento humano.

O processo ensino e aprendizagem das atividades corporais acompanha os avanços da ciência e manifesta uma necessidade de mudança, de transcendência emergencial no que se refere aos desafios colocados para se ensinar e aprender, nos diferentes contextos sociais e culturais dos e das discentes. O processo de ensinar e aprender a partir da motricidade requer mais que um discurso de totalidade e de globalização.

A prática do sujeito pauta-se no saber fazer e não mais na fragmentação, no fazer. O corpo atual deve ser entendido e vivido de forma presente, inteira e, principalmente, significativo em suas diversificadas ações.

Para Gonçalves (2004, p. 80):

Para entender significado do aprender, é necessário admitir que este é uma propriedade emergente da auto – organização da vida, isto é, que o conhecimento como uma propriedade auto – organizativa emerge do sistema nervoso do organismo, enquanto acoplado ao seu meio ambiente. É importante afirmar que as aprendizagens humanas acontecem em corporeidades. A aprendizagem é processo vital de corporeidades pulsantes. É também um processo dialético e dialógico, resultante de um contexto evolutivo num ambiente (definido como resultado das relações entre o humano, a natureza e cultura), adquirindo assim as características onde emerge. É também um processo complexo e transdisciplinar, exigindo que sua abordagem aconteça nesta referência.

Portanto, a aprendizagem caracteriza-se pelo conhecimento do processo da dinâmica, da dialética dos indivíduos por meio da sua corporeidade. A pedagogia do movimento deve enfatizar e realizar os seres humanos em sua contextualização histórica e cultural concreta de vida. Assmann (1996) afirma que o ser humano existe enquanto corporeidade viva, sensível e aprendente.

Na perspectiva de educarmos e principalmente realizarmos as nossas ações com inúmeras possibilidades de intenções e reflexões acerca do movimento, é necessário entender o movimento como nutriente da vida, do ser que se expressa e vive aprendendo por meio de suas relações.

Defendemos um corpo enquanto expressão de cultura, seus valores, significados, intenções e, principalmente, numa totalidade de aspectos biológicos – psicológicos – sociais – culturais, entre outros, para isso, é preciso entender e compreender de que forma se movimentar e o que valorizar na superação de cada passo, gesto, som, música, cada dança que construímos e produzimos em nossas práticas diárias.

Torna-se necessário considerarmos o que recebemos da rua, da família e que de forma decisiva acabam influenciando as diferentes práticas educativas. Há uma grande importância de acontecerem reflexões frente aos valores atribuídos ao corpo que se expressa pela dança, em uma sociedade cada vez mais exigente, buscando dessa forma a compreensão da diversidade e da complexidade que norteiam os indivíduos e os acontecimentos.

As práticas do movimento devem oferecer e priorizar elementos e estratégias pedagógicas que facilitem o envolvimento e autoconhecimento dos alunos com a sua corporeidade e ilimitada de possibilidades, bem como reconhecendo e respeitando também as suas limitações.

Ensinar um movimento de dança, ou mesmo de uma modalidade complexa, como a ginástica, requer ir além das normas, regras e técnicas, é preciso incorporar novos desafios que são possíveis e estão relacionados com a

nossa cultura, nas ações do cotidiano. É preciso reconhecer nesses conteúdos o instrumento necessário para aprender a aprender, isto é, a possibilidade de se apoderar não somente dos movimentos, mas dos valores que emanam desses; é necessário ir além, audaciosamente dançar com o intuito de aprender a ser, a conviver e a viver!

Daólio (1997, p. 33) nos alerta para o fato que:

Os gestos esportivos não devem se limitar aos movimentos padronizados ensinados pelo professor, mas devem contemplar a experiência dos alunos e incentivar sua criatividade e sua capacidade de exploração. Normalmente o professor de educação física valoriza os alunos que melhor repetem as técnicas esportivas que ele deseja... acreditamos somente que os movimentos esportivos não podem se tornar uma camisa-de-força que impeça os alunos de expressarem corporalmente outros movimentos, frutos de histórias de vida e especificidades culturais diferentes.

Mauss (1974) pela primeira vez fez uma sistematização sobre o corpo do ponto de vista cultural e definiu as técnicas corporais. Para ele, o corpo aprenderá técnicas de movimentos com a sociedade que ele vive.

O autor (1974) afirma que é através da imitação prestigiosa que os indivíduos de cada cultura constroem seus diferentes corpos e dessa forma, seus comportamentos. Há uma construção do corpo cultural com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade. O corpo pode variar de acordo com o contexto histórico que ele está inserido. Culturalmente, esses corpos podem, por meio de imitações de atos, comportamentos, principalmente, no encontro com

outros corpos que obtiveram êxito, que tiveram sucesso, adquirir novas formas, gestos e atitudes.

O objetivo e a forma que vamos direcionar os nossos alunos neste constante processo de fazer algo, mover algo, pode ser absorvido de maneira adequada ou mesmo do contrário, causar impressões e vivências positivas como também negativas para nós e principalmente para os/as nossos/as educandos/educandas. Nessa prática, ressaltamos e valorizamos a importância do professor considerar os aspectos culturais das práticas vivenciadas.

Para Assmann (1996) deve ficar enfatizado que o novo conceito de vida estabelece uma vinculação intrínseca entre vida e movimento, entre estar vivo e estar em trânsito, como aprendente ativo a todo o momento. Em suas obras reforça a filosofia de que estar vivo significa encontrar-se em movimento-aprendizagem. Vida é a emergência continuada da motricidade (cognitiva, aprendente, gestual).

Chamamos atenção para os estudos em Educação Física com ênfase nas concepções de corpo a partir da valorização da cultura, norteando assim as diferentes práticas de extrema importância para os indivíduos com olhares voltados para a construção e produção histórica destas atividades.

É importante ressaltar os avanços da Educação Física ao longo dos tempos, mas é fato que há muito por se desvelar nesta área de conhecimento. Sabemos das exigências que essa nova sociedade solicita, portanto, criativas ações de todas as áreas do saber se apresentam como necessárias. Daí o

compromisso da Educação Física e de seus profissionais, em seus diferentes campos de atuação para desenvolver intervenções que busquem uma promoção humana com mais qualidade.

Contemplamos as palavras de Medina (1986, p.15) quando diz estar consciente que:

A maioria dos profissionais voltados para as atividades do corpo tem ficado obsessivamente preocupada em arranjar um punhado de procedimentos que permita dar cabo às suas tarefas e sem tempo para se preocupar em descobrir, de forma crítica, o real sentido de suas ações. E é talvez, por isso, que existam tantas obras que falam sobre técnicas específicas e raríssimas que as justifiquem na sua globalidade.

O mesmo autor (1995), em sua obra, clama pela necessidade de assumirmos um compromisso conosco mesmo, com os outros, com o mundo e com a vida. Para ele as mudanças mais radicais não ocorrem espontaneamente, sem revoluções.

As atividades de Educação Física devem ser estimuladas, a partir de conteúdos, como: cultura popular (música e danças folclóricas), meios materiais, ritmo, música, movimentos e jogos. Portanto, o planejamento de programas de ensino das atividades visará o desenvolvimento dos alunos não só sob o aspecto motor, mas também aos aspectos cognitivos/afetivo/social e cultural.

O/A professor/a será sempre um incentivador da prática de movimentos, da sua importância e dos seus objetivos para produzir uma comunicação plural e dinâmica. O desenvolvimento dos alunos dar-se-á e deve fazer parte de forma

eficaz do espaço escolar. Devemos promover o constante e importante jogo de ensinar e aprender na Educação Física.

Verderi (2000, p. 27) afirma que “somos corpos fazedores e transformadores de um mundo, corpos vivos, num tempo e num espaço, experimentando todas as possibilidades emergentes e que nos são de direito”.

(...) os instrumentos, a linguagem, os costumes, as técnicas, os objetos materiais e não – materiais, tais como a filosofia, a dança, o teatro – e é isso que garante o nascimento de aptidões, capacidades, habilidades, em cada um de nós. (MELLO, 1999, p. 21)

Nesse diálogo entre cultura, educação, corpo, movimento e dança por meio da compreensão do corpo a partir da identidade cultural em que os seres humanos se reconhecem não somente de forma biológica, mas de significações reconhecíveis para o outro é que pensamos a Educação Física escolar.

Neste cenário a dança pode ser elo para diferentes aprendizagens significativas no processo educacional, enriquecendo o acervo das práticas corporais e fazendo das aulas de Educação Física um ambiente de reflexão, estudo, vivência e discussão sobre o corpo, escola e sociedade.

O processo de educação nos faz realizar, desde cedo, uma “imitação prestigiosa”: “a criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela” (MAUSS, 1974, p. 215).

A elaboração de uma genealogia das técnicas corporais parte de Mauss (1974), que observa vários usos do corpo e a capacidade cultural de educar os

corpos, adaptando-os ao emprego de distintas situações. O autor formula que o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. Para ele os grupos humanos estabelecem suas próprias técnicas corporais, sendo o corpo mutável e portador de regras. Assim, o corpo modela a forma do espaço urbano derivado de vivências corporais específicas a cada povo. A diversidade de manifestações culturais se origina da constatação dessas segmentações, advindas das atividades em contato com o meio ambiente, nas diversas relações corporais e lingüísticas.

Além de tornar-se uma manifestação cultural própria de movimento humano, a dança enriquece diferentes aspectos do ser humano, a partir da sua incorporação, enquanto, prática significativa para a vida das pessoas. É possível encontrar benefícios a partir da prática de dança no que se refere aos sistemas da fisiologia à cultura de movimento humano.

Da comunicação e inter-conexão entre os neurônios, a promoção do condicionamento físico, da melhoria da postura, aumento da flexibilidade até a melhoria das relações interpessoais, a prática da dança é considerada benéfica para aqueles que com ela se relacionam, incorporando uma nova qualidade de vida..

Na Obra “Flexibilidade, Alongamento e Flexionamento”, Estélio Dantas (1999) apresenta um capítulo destinado a Flexibilidade e a Dança, no qual a reforça os elementos, conceitos e implicações que a dança deve promover para o bom desenvolvimento motor e afetivo dos praticantes, evidenciando os diferentes

valores educacionais e disciplinares que o movimento expressa e se desenvolve na dança.

Katz (2003) destaca que quando um corpo dança, cria-se um campo diferenciado de atenção-concentração-estímulo, pois o corpo passa a decodificar sinais do interior-exterior, alterando para mais ou para menos, sua respiração-pulsção, construindo pré-mapas que começam a se comunicar – consigo e com o meio.

A autora destaca que:

Tais “mapas” transformam-se em quase-hipóteses e estas resultam num julgamento de percepção. Nesse momento, o corpo mostra o resultado do processo dá nascimento ao movimento. O tipo de movimento que percorre essas três etapas é o movimento de dança – o pensamento desse corpo. (KATZ, 2003, p. 272).

Neste percurso, vivenciando momentos e movimentos, o corpo se apresenta como personagem principal das diferentes manifestações de dança, sendo ele, espectador, educando, educador, bailarino, trazendo inúmeras possibilidades de ser, pensar, sentir e agir.

Segundo Laban (1978) o ser humano sempre utilizou os mesmos movimentos tanto no trabalho como na religião. Esta atitude em se expressar com movimentos foi se perdendo ao longo dos tempos quando as civilizações passaram a limitar suas orações somente às palavras faladas deixando que os movimentos das cordas vocais fossem mais importantes do que os corporais.

O movimento para Laban era a manifestação exterior de um sentimento interior. O autor acreditava na dança como a poética do movimento no espaço, e

o espaço era concebido a partir do corpo do bailarino e de seus limites, e que seu sentido estava além das palavras e escritas.

É necessário existir entendimentos dos aspectos analíticos e funcionais que perpassam o universo da dança, visando uma multiplicidade e interdisciplinaridade como estratégia para se compreender a totalidade que é e caracteriza o ser humano que dança e vive.

Nesse sentido vale buscar nos PCNs o entendimento de Educação Física como:

Uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal do movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzir-la e transforma-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esporte, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. (1998, p. 29).

Portanto, considerando a Educação Física como uma disciplina capaz de evoluir e transformar os educandos, acreditando na importância da aprendizagem do corpo e seu movimentar, pode-se entender a dança, enquanto conteúdo da Educação Física, como um elemento essencial dentro do contexto escolar.

2.5 – DANÇA: COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CULTURAL

No amplo universo de expressões humanas, encontramos a arte de dançar. É possível estabelecer diferentes relações com essa forma de comunicação ilimitada de gestos, sons, imagens e especialmente histórias de vida dos indivíduos.

Dentre tantas implicações que a dança pode oferecer as diferentes pessoas que dançam está à capacidade de representação dos inúmeros sentimentos contidos nos que exploram os movimentos ritmados e expressivos em diferentes contextos. Para tanto, a dança requer a disponibilidade de envolvimento dos indivíduos com algumas experiências que para muitos são desconhecidas até o seu primeiro contato, ou seja, a sua realização.

Dentre tantas definições atribuídas à dança, compreendemos esta expressão como ir além: dançar é ir além dos sonhos, amores, tristezas, alegrias, dores, lamentos, paz, do sentimento e do movimento.

O ser humano dança por meio das suas atitudes, com as capacidades ilimitadas de criação, sentimentos, desejos e perspectivas, vivenciando plurais oportunidades de conhecer e experimentar movimentos que expressem o de mais natural e cultural na sua concepção de tempo e espaço a partir da sua existência corpórea.

Segundo Kunz (2003, p.90-91):

A dança, assim como o esporte, é uma das manifestações da cultura do movimento mais importante e relevante em todo o mundo (...) assim, é possível perceber que na análise do

movimento na dança, comparada com a análise do movimento no esporte e na aprendizagem motora, há um crescente aumento do interesse pelo sujeito e seu mundo subjetivo.

A dança se apresenta enquanto atividade humana de comunicação, que transita do sagrado ao profano, do conhecido ao desconhecido, com o intuito de trazer a baila sentidos e intenções, movimentos e sentimentos ao longo das gerações. É considerada expressão cultural de um povo, do folclore⁴ que cria, recria e transforma passado em presente. É memória e história.

Para Nóbrega (1999, p.127):

[...] a dança é considerada, não apenas do ponto de vista das funções atribuídas à mesma, como o refinamento de capacidades motoras, funções sociais ou terapêuticas, mas destacando a lógica sensível da dança e do movimento, como redimensionamento da racionalidade e viabilização da corporeidade como instância ética e estética.

A dança não é, como se tende a acreditar, um conjunto de passos mais ou menos arbitrários que são o resultado de combinações mecânicas em que, embora possam ser úteis como exercícios técnicos, não poderiam ter a pretensão de constituírem uma arte: são meios e não um fim (DUNCAN, 1980).

Corpos dançam para louvar, celebrar, agradecer e denunciar o que as palavras poderiam ser insuficientes para expressar. Katz (2003, p. 261) afirma que:

Para compreender a dança precisamos de olhos que vejam aquilo que não porta visualidade plena. Há que percorrer as dobraduras da sua materialidade para escapar, por vãos e desvãos, da falsa necessidade de lhe atribuir significados.

⁴ Folclore para CASCUDO (2001, p. 240) é a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários, além da sua funcionalidade.

Garaudy (1980, p. 16) nos impulsiona a pensar que o corpo que dança em diferentes contextos é:

“... um modo total de viver o mundo: é a um só tempo, conhecimento, arte e religião. Sabedoria plenária para qual Deus é a força criadora que esta sempre nascendo e que é sempre ativa no coração de toda a existência. Ela nos revela que o sagrado é também carnal e que o corpo pode ensinar o que um espírito que se quer desencarnado não conhece: a beleza e a grandeza do ato quando o homem não está separado de si mesmo, mas inteiramente presente no que faz”.

Atualmente observamos uma forte intensidade de danças nas diferentes tribos, ruas, palcos, TV e no dia a dia de tantos indivíduos inseridos nesta expressão artística.

Mergulhados em tantos ritmos que podemos encontrar no Brasil, país de cantos e danças, particularmente, diferenciadas e retratadas por tantos outros países, poderíamos vislumbrar uma compreensão mais crítica e criativa do que dançar e como dançar frente a tantos elementos possíveis de criação nestes diferentes espaços da sociedade. Para tanto, acreditamos que a escola pode ser um ambiente significativo para a entrada efetiva da dança e suas relações.

No Brasil, a dança está associada aos seus primeiros habitantes: os índios. A partir da escravatura em 1538, o Brasil passa a receber à influência dos negros vindo da África bem como dos colonizadores portugueses. É desta forma que se origina as danças populares e folclóricas brasileiras, sob a influência do índio, do negro e do branco (não só dos portugueses, mas também dos espanhóis, italianos, japoneses, árabes e alemães que aqui habitaram), como podemos observar em danças como o Caboclinho, o Lambe-Sujo, o Samba de Aboio, o

Guerreiro, a Taieira, o Cacuriá, o Maculelê, o São Gonçalo, o Tambor de Crioula, o Bumba-Meu-Boi, a Quadrilha, a Marujada, o Moçambique, o Jongo, entre tantas outras que constituem esse amálgama cultural brasileiro, tão rico e diversificado quanto mal “explorado”. (ROSA, 2004).

Portanto, o Brasil concentra uma diversidade significativa de danças que podem constituir o acervo da cultura e principalmente enriquecer os diferentes propósitos das práticas educativas. Neste sentido, evidenciamos as possibilidades de relações no trato das danças e da cultura brasileira na educação escolar, frente à atuação dos profissionais da Educação Física em suas intervenções nos programas e currículos da escola.

A prática da dança amplia e realiza diferentes necessidades e realidades daqueles que dançam. É considerada conteúdo, atividade escolar na disciplina Educação Física, por ser um amplo e vasto leque de conhecimentos, com manifestações e possibilidades historicamente construídas e culturalmente transformadas.

Dessa forma, entendemos a necessidade da importância do trabalho pedagógico acerca da dança e das problematizações de suas possíveis relações no processo ensino e aprendizagem no âmbito da Educação Física escolar.

Paulo Freire em suas obras, bem como na sua história de vida nos inspira e alerta que educar é desenvolver a valorização humana, respeitando sua busca de realização, com incentivo a criatividade e estímulo a tomada de consciência frente à realidade, sendo diálogo o meio privilegiado para reflexão e para a tomada de consciência social e política.

Nesse sentido de compreender a dança enquanto educação e expressão de cultura é possível evidenciar a ação comunicativa, ou seja, a relação dialógica para realizar essa relação e dar sentido aos atores no processo educacional.

Para Kunz (2003, p.31):

A educação é sempre um processo onde se desenvolvem “ações comunicativas”. O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica.

E a dança enquanto objeto de ensino com finalidades educacionais para a área de Educação Física deve ser entendida e vivenciada como concepção dialógica, configurando-se em uma práxis social. Portanto, a concepção de ensino para a dança na Educação Física no âmbito escolar deverá se orientar numa perspectiva antropológica problematizadora do ensino.

Para Scarpatto (2001, p. 59):

A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a auto – expressão e aprendendo a pensar em termos de movimento.

Na dança, prevemos e defendemos a sua condição de facilitar e existir como possibilidade educacional, no sentido de contribuir para a formação dos nossos alunos em qualquer que seja o nível de ensino.

Segundo Freire (2001, p. 34):

(...) ensinar a dança como arte criativa e seu papel no desenvolvimento e aprendizagem da criança como ser integral. O papel do professor seria o de proporcionar experiências que favorecessem as crianças no desenvolvimento de criar.

Scarpato (2001) reforça que a prática da dança na sala de aula, na escola, não visa apenas influenciar e promover a vivência do corpo e minimizar, ou mesmo, diminuir as tensões dos esforços intelectuais dos alunos. Ela favorece a criatividade, trazendo contribuições no processo de aprendizagem dos alunos em comunhão com outras disciplinas da grade curricular.

Em nosso cotidiano, principalmente no Brasil é tão natural, encontrarmos a dança, portanto, se essa arte retratar a cultura dos diferentes cidadãos, por que não fazer parte do desenvolvimento da educação escolar?

Assim como o ensino da matemática, geografia, inglês fundamenta a formação dos alunos, a disciplina Educação Física pode promover e apresentar a dança como atividade imprescindível.

A importância da dança, enquanto área de conhecimento na escola cria novos interesses para o professor de Educação Física e seu processo de ensino. Segundo Freire (2001) é necessário e possível avaliar a prática da dança por meio de um planejamento adequado, com a clareza de objetivos de aprendizagem, coerência para definição e escolha dos critérios de ensino. Ela afirma “os critérios poderiam ser pautados nas habilidades de composição, performance, apreciação, conhecimento e demonstração de composição, que servem para dançarinos de qualquer idade”. (2001, p. 33)

A dança na área de Educação Física é considerada uma manifestação da cultura corporal de movimento, que tem como característica as intenções de comunicação e de expressão, por meio de gestos e estímulos sonoros.

Segundo Claro (1988), a Dança e a Educação Física se completam em que a Educação Física necessita de estratégia de conhecimento do corpo e a dança das bases teóricas da Educação Física. Salaria ainda, que uma grande contribuição da dança à Educação Física, é a possibilidade de aplicação de tal atividade para qualquer pessoa, de ambos os sexos, diferentes biótipos, ou ainda qualquer faixa etária.

Percebe-se que a dança é uma atividade corporal que pode ser apreciada e vivenciada por todos, seja pelo simples prazer de dançar, movimentar-se, ou vontade de expressar seus desejos.

Discutindo ainda a importância da associação entre a Dança e a Educação Física, Barreto (2004) considera que a dança pode contribuir para a área de Educação Física na medida em que, por meio da experiência artística e da apreciação, estimula nos indivíduos os exercícios da imaginação e da criação de formas expressivas, despertando a consciência estética, como um conjunto de atitudes mais equilibradas diante do mundo.

Por outro lado, a Educação Física também pode contribuir de forma relevante para a área de Dança, ampliando discussões sobre a corporeidade e a motricidade humana que atribuem ao corpo que dança um sentido muito maior do que lhe foi concedido por muito tempo, no contexto de práticas tradicionais que

privaram estes corpos da sua própria identidade e expressividade (BARRETO, 2004).

De acordo com Rosa (2004), por não ser compreendida como uma possibilidade de construção de conhecimento participativo, crítico e criativo, a dança deve ser apresentada em nossa sociedade em especial na escola como apenas uma atividade capaz de divertir, relaxar, controlar a agressividade, trabalhar as emoções e desenvolver as habilidades motoras.

Marques (2003) entende que é por meio de nossos corpos, dançando que os sentimentos cognitivos se integram aos processos mentais e que podemos compreender o mundo de forma diferenciada, ou seja, artística e estética. É assim que a dança na escola se torna distinta de um baile de carnaval: o corpo que dança e o corpo na dança tornam-se fonte de conhecimento sistematizado e transformador.

Muitas vezes, a dança é relacionada apenas com as experiências corporais de movimento, porém ela em sua totalidade pode compreender elementos de integração do ser humano consigo, com os outros e com a sociedade em que estar inserido.

Para Marques (2003), a escola teria de instrumentalizar e de construir conhecimento em/por meio de dança com seus alunos, pois ela é forma de conhecimento, elemento essencial para a educação do ser social.

Como educadores somos responsáveis pela promoção de oportunidades que tragam mudança nas atitudes e pensamentos dos nossos alunos. Com isso, se nossa proposta é ensinar a dança devemos entendê-la como uma atividade que proporciona novos hábitos, novos saberes, para o corpo dançante.

O ensino da dança pode exercer um importante papel no que se refere a ampliar as possibilidades e as formas de compreender, ampliar e se relacionar com o seu próprio imaginário, com o de outras pessoas e com este mundo em que vivemos, construídos por imagens. Creio que uma pedagogia da imagem possa contribuir muito para que se enriqueça o ensino de dança em escolas, academias, centros culturais, entre outros, visto que as pedagogias tradicionais têm imobilizado os corpos com seus treinamentos coercivos, sem permitir que estes corpos encontrem caminhos mais humanos de experienciar as técnicas, a imaginação, a criação, a dança... Assim é possível educar pessoas autênticas, críticas e transformadoras. (BARRETO, 2004, p. 129).

A dança deve ser vivenciada, pensada e descoberta. O ser humano que dança, pode demonstrar papéis sociais e mostrar relações dentro de uma sociedade para que haja uma transformação.

De acordo com Marques (2003, p. 26) “A dança, portanto, como uma das vias de educação do corpo criador e crítico, torna-se praticamente indispensável para vivermos presentes, críticos e participantes na sociedade atual”.

A dança na escola deve partir do pressuposto que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno e para que este se torne um cidadão crítico, participativo e responsável precisará aprender a expressar-se nas diferentes linguagens, entre elas a corporal.

Sobre o ato de dançar, o movimentar-se, Barreto (2004, p.125) diz:

Dançar é se tornar presença em momento e movimento, refletindo imagens e criando formas. O corpo que dança é o próprio ato da expressão, e seu tempo-espaco só pode ser o presente. Dançar é imaginar, fazer e acordar em outros interiores e exteriores seus próprios olhares e imaginações.

A dança se dá muitas vezes na escola, como uma atividade para momentos especiais dentro deste espaço, ou seja, são apresentações necessárias, para atrair a atenção dos pais e familiares, nas datas comemorativas de um ano letivo. No entanto, percebemos que a dança é muito mais que apresentações, momentos de alegria e prazer. A dança é valorizada como forma de conhecimento e causa mudança de atitudes, uma possível agente de transformação.

Compreendemos os diferentes valores educativos, culturais e sociais da dança. Podemos dizer ainda, que as pessoas envolvidas no universo da dança conseguem visualizar a mudança em si mesmo, na sua expressão corporal, no seu comportamento, no repertório motor, devido à prática desta atividade.

Acreditamos que a dança pode ser vivenciada, discutida e descoberta como uma atividade necessária e de fundamental importância para o desenvolvimento integral do aluno.

3 – O PAPEL DA DANÇA NA CONCEPÇÃO DE CURRÍCULO ESCOLAR



O Circo – Candido Portinari

É importante ressaltar a comunicação da escola, por meio do currículo construído e apresentado para as diversas áreas do conhecimento. A dança fará parte deste cenário de implicações pedagógicas a partir de uma concepção curricular contextualizada na construção social e nas relações históricas do conhecimento.

O currículo resulta dos valores e conhecimentos produzidos dos trabalhos pedagógicos nas escolas, enquanto, processo social e atribui sentido aos diferentes conteúdos selecionados e organizados em diferentes áreas do saber, evidenciando o papel do professor e sua responsabilidade nas ações desenvolvidas para tal exercício profissional. O currículo educacional torna-se, dessa forma, a identidade da escola.

Para Moreira (2000) o currículo constitui significativo instrumento utilizado por diferentes sociedades, tanto para desenvolver os processos de conservação, transformação e renovação dos conhecimentos historicamente acumulados, como para socializar as crianças e os jovens segundo valores tidos como desejáveis. O autor concebe a história das disciplinas escolares e seu alargamento conceitual e metodológico.

Nesse sentido, a relevância de reflexões, ações e transformações nos objetivos, no que ensinar para os alunos e como desenvolver os conteúdos torna-se uma rotina de análise e efetivação para o professor, considerando a sociedade e o ambiente de forma geral no processo de aprendizagem.

Assmann (1998, p.68) afirma:

Aprender significa, sem dúvida, entrar em mundos simbólicos pré – configurados, ou seja, em mundos do sentido que já são falados e sustentados por outras pessoas que nos cercam (amigos/as,

pais, irmãos/ãs, professor/a, etc.). Mas aprender significa também, e num sentido muito forte, esquecer linhas demarcatórias dos significados já estabelecidos e criar outros significados novos. Desaprender “coisas por demais sabidas”, e re-sabê-las – re-saboreá-las – de um modo inteiramente novo e diferente, faz parte do aprender.

A escola não deve ser mais tratada e reconhecida como um espaço estático, mantendo suas características passadas, fruto das tendências tradicionais. Devemos, portanto, contextualizar um novo paradigma que cerca o atual processo educacional, ou seja, uma cultura escolar voltada para a identidade cultural, para a diversidade e pluralidade de ações educativas.

Para Paulo Freire (1983, p.27-28) a educação é:

Uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela.

As teorias críticas existentes no universo da Educação apresentam perspectivas e estudos acerca do currículo, sobre a necessidade de uma cultura crítica curricular, evidenciando a compreensão das importantes e diferentes relações entre o conhecimento, a cultura e espaço da escola com significados e representando todo o contexto social deste espaço escolar.

Existe a dinâmica que envolve os seres humanos gerando, portanto, transformações constantes no processo educacional para serem levados em conta na produção curricular.

A mudança cultural, num sentido amplo, será ou deixará de ser um “associado conseqüente” ou “eficiente” do que fazer conforme a estrutura social se encontre, concretamente ou não, em transformação”. (FREIRE, 1983, p. 57)

Currículo na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani, 2006): valoriza e ressignifica o papel da escola e do conhecimento. Os conteúdos curriculares são definidos a partir das demandas da prática social. São instrumentos teóricos e práticos necessários ao entendimento e às intervenções da e na prática social.

Moreira (1993) pensa em uma escola de qualidade a partir da reflexão sobre o currículo e ensino, e sem uma relação de significados com a sociedade, não faz sentido. Ele defende uma escola fundamental voltada para desenvolver no aluno espírito crítico, flexibilidade, curiosidade, criatividade, atitude científica e autonomia. Pensa as relações e a alegria que deve existir na escola e dessa forma, ter no país, uma escola “interessada em ser interessante”. Assmann (1998, p. 29) afirma que “o ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividade”.

Os autores citados anunciam uma visão de currículo ampliada e que a escola, assim como os indivíduos devem incorporar novos significados através de atividades artísticas, com suas ilimitadas capacidades de criação nos possíveis âmbitos educativos. As experiências vivenciadas nas manifestações artísticas estão carregadas de significados para uma nova escola.

É possível uma escola em que os alunos e professores aprendam numa relação de descobertas, alegrias e desafios, em que é preciso uma competência para viver tal relação. Um professor deve facilitar a aprendizagem do aluno facilitando o acesso à cultura de forma dinâmica e significativa.

O estudante não é simples consumidor da cultura: ele precisa recriá-la, prolongá-la e enriquecê-la. No processo, acrescenta, a

alegria sentida pode ajudá-lo a vencer a submissão e a conciliar independência, herança cultural e autoridade. (MOREIRA,1993, p. 51)

Os espaços de aulas representam nesta perspectiva, espaços de comunicação, de diálogo das construções e reconstruções coletivas, onde os conhecimentos serão conhecidos, reconhecidos e transformados em diferentes organizações de atividades e principalmente na democratização desses saberes numa contextualização plural de expressões.

É necessário pensar, organizar e realizar um currículo com ênfase na produção cultural dos alunos e, permeado de experiências e significações dentro e fora do contexto escolar. Paulo Freire reforça em seu legado de diferentes obras, que não necessariamente precisamos primeiro educar para depois transformar. Existe a necessidade de combinar de forma simultânea educação e ação.

Nos diferentes e pertinentes estudos sobre abordagem curricular do autor Antônio Flávio Moreira é possível visualizar e encontrar relações sobre o ensino da dança e a importância dessa manifestação artística enquanto elemento de cultura e significado no processo educacional.

Contemplamos o pensamento de Moreira (1993, p. 51) ao se referir a escola que pensamos e sonhamos, que supere na tradicional volta de ser, para além dos muros e do sentido reprodutivo, promovendo a emancipação intelectual de crianças e jovens:

Nessa escola, há lugar para a voz, a linguagem e os saberes das crianças (...) nessa escola associa-se a aquisição significativa de conhecimentos à familiarização com o método científico. Conhecer

significa uma aventura da qual participam alunos e professores. Na aventura, conflitos e embates inevitavelmente ocorrem. Na aventura, o compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e mais democrática pode desenvolver-se e consolidar-se. Conhecer melhor o mundo pode tornar-se, então, o empenho por transformá-lo.

Nessa escola, deve existir uma dança com significados, dança que expressa à diversidade de cultura que cada aluno traz de seu contexto histórico familiar, suas diferenças fisiológicas e comportamentais, evidenciando as possibilidades e também as limitações para sentir, pensar, agir e dançar.

Pode-se encontrar um fascínio e o desejo nos/as discentes das atividades dançantes sentem ao participar efetivamente das ações propostas, e alguns elementos agem como facilitadores no processo de ensino e aprendizagem da dessa atividade ritmada e expressiva na escola, dentre eles: motivação, criatividade e afetividade.

Estes elementos reunidos tornam-se meio de realizações de aulas prazerosas, em que a participação de todos amplia a construção de conhecimentos, motivando-os para execução das atividades e equilibrando as diferenças encontradas em uma mesma turma de alunos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997), a atividade Dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona e se expressa. Assim, poderá agir com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade.

Com a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96, a área de Arte é considerada obrigatória na educação básica: “*o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos*”. Artes Visuais, Música, Teatro e Dança, as quatro linguagens que compõe a área de Arte podem ser oferecidas não apenas como *atividade*, mas, como disciplinas do currículo.

Moreira (1993, p. 47) diz que “o que chamamos arte é, então, apenas um dos inúmeros modos de descrever e comunicar experiências que fazem parte de um conjunto mais amplo de relações”.

Os PCNs (BRASIL, 1997) inserem a dança também na área de Educação Física, no bloco das atividades rítmicas e expressivas, considerando-a uma manifestação da cultura corporal, que tem como característica as intenções de comunicação e de expressão, por meio de gestos e estímulos sonoros.

É importante que a Dança seja desenvolvida na escola com espírito de investigação, para que a criança desperte para suas possibilidades de conhecimento e reconhecimento, tomando consciência da função dinâmica do corpo, do gesto e do movimento como uma manifestação pessoal, social, política e cultural.

Os PCNs (BRASIL, 1997) oferecem formas de desenvolvimento de trabalho com dança, no que tange aos aspectos criativos e à concepção da dança como linguagem artística e propõem que o ensino possibilite aos alunos:

- Compreensão dos aspectos histórico-sociais das danças;

- Percepção do ritmo pessoal;
- Percepção do ritmo grupal;
- Desenvolvimento da noção espaço/tempo vinculada ao estímulo musical e ao silêncio com relação a si mesmo e ao outro;
- Compreensão do processo expressivo partindo do código individual de cada um para o coletivo;
- Percepção dos limites corporais na vivência dos movimentos rítmicos e expressivos;
- Predisposição a superar seus próprios limites nas vivências rítmicas e expressivas;
- Vivências das danças folclóricas e regionais, compreendendo seus contextos de manifestação.
- Reconhecimento e apropriação dos princípios básicos para construção de desenhos coreográficos e coreografias simples;
- Vivências das manifestações das danças urbanas mais emergentes e compreensão do seu contexto originário;
- Vivências das danças populares regionais, nacionais e internacionais e compreensão do contexto sociocultural onde se desenvolvem.

Conforme os PCNs (BRASIL, 1997, p.73):

Por meio das danças e brincadeiras os alunos poderão conhecer as qualidades do movimento expressivo como leve/pesado, forte/fraco, rápido/lento, intensidade, duração, direção, sendo capaz de analisá-lo a partir destes referenciais; conhecer algumas técnicas de execução de movimentos e utilizar-se delas; ser capazes de improvisar, de construir coreografias, e, por fim, de

adotar atitudes de valorização e apreciação dessas manifestações expressivas.

O professor ou a professora de Educação Física, ao planejar suas aulas de dança, deve considerar o desenvolvimento motor da criança, observar suas ações físicas e habilidades naturais. Deve estimular a pesquisa consciente a fim de ampliar o repertório gestual, capacitar o corpo para o movimento, dar sentido e organização às suas potencialidades.

De acordo com Gaspari (2004, p. 141), a dança no contexto escolar deve:

- Possibilitar a exploração da criatividade através da descoberta e a exploração de novas formas de movimentação corporal;
- Viabilizar a educação rítmica e para tal utilizar-se da música, do canto e de outros recursos como instrumentos para aumentar a motivação;
- Canalizar para a expressividade por refletir sentimentos, pensamentos e emoções;
- Ampliar o vocabulário senso-perceptivo;
- Ampliar os horizontes e formar pensamentos críticos conduzindo à participação, compreensão, desfrute e reconstrução das atuais conjunturas das artes e também das condições de cidadania;
- Levar à apreciação e valorização das atividades rítmicas e expressivas, dando ênfase às contribuições culturais e históricas contidas nos trabalhos de dança;

- Despertar o aluno para elementos estéticos através das vivências, experimentações e composições coreográficas.

Apesar da dança ser vista como conteúdo exclusivo da disciplina Educação Física, como claramente indicada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da área de Educação Física (Strazzacappa; Morandi, 2006, p.16), notamos que a Dança aparece na grade curricular das escolas como atividade optativa, ou seja, apenas os alunos que se interessam por esta, vivenciam a modalidade. (STRAZZACAPPA ; MORANDI, 2006)

Essa situação é preocupante, pois sabemos que a dança só tem a acrescentar no desenvolvimento do ser humano, possibilitando noções rítmicas, ampliando noções espaciais, desenvolvendo assim a expressão corporal, além de adquirir uma maior capacidade de criar e de sentir.

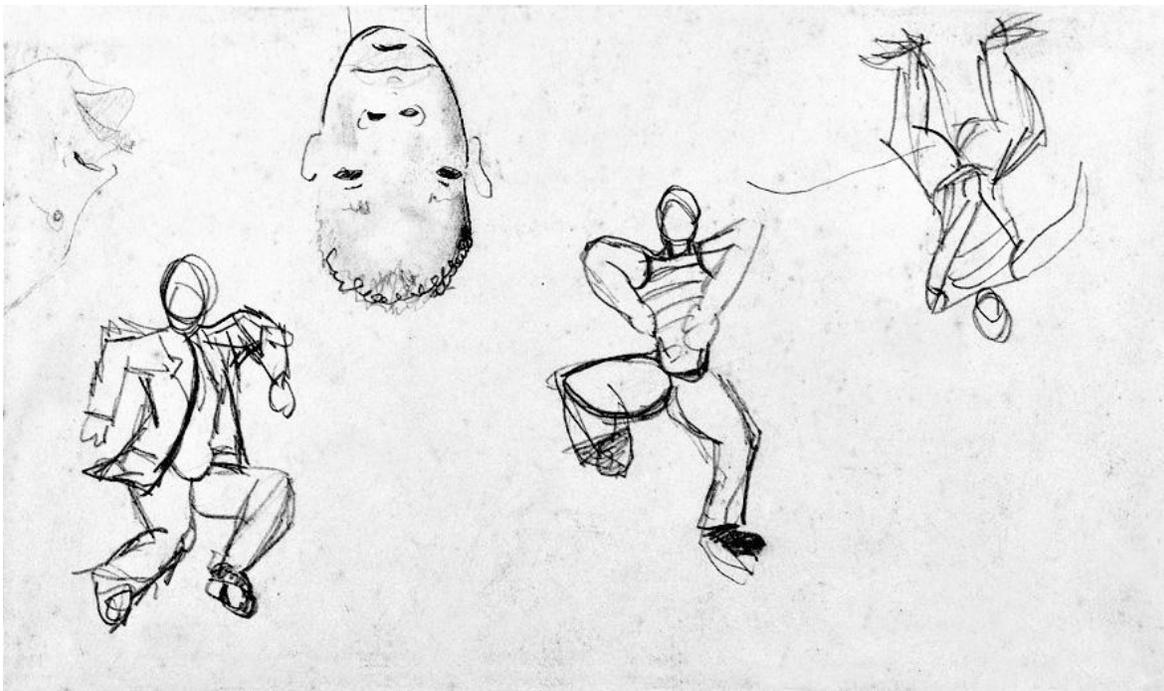
Com a ausência da Dança nas escolas, podemos estar deixando passar despercebida a existência de talentos ocultos, além de negar vivências de uma importante atividade artística e cultural, os quais se descobrirão dentro da prática, daí mais um motivo para lutarmos pela presença das danças no contexto escolar.

Atualmente observamos a linguagem da dança, enquanto documento nacional, sendo desenvolvida por profissionais atuantes em nossas escolas e universidades, daí reforça-se a necessidade do fortalecimento desta atividade pelos órgãos governamentais estimulando e valorizando as pesquisas que se apresentam na área da Educação Física no que se refere ao desenvolvimento da dança e sua diversidade de aplicabilidade no âmbito escolar.

Consideramos a existência de profundas transformações sociais, que acabam, de certo modo, sendo filtradas pela escola, por meio do vínculo orgânico que mantém essa relação de tensão permanente. Os profissionais de Educação Física precisam mais do que nunca, instrumentalizarem-se teoricamente para justificar a Comunidade Escolar e a própria Sociedade, daquilo deve ser feito, ou seja, a práxis pedagógica – para que a Educação Física possa contribuir na formação integral de crianças e jovens, apropriando-se da crítica da cultura contemporânea. (KUNZ, 2003)

A diversidade de pesquisas atualmente em danças busca estudar e evidenciar temas relacionados com corpo, etnias, gênero, idades, classes sociais, religiões e cultura popular, mostrando a vasta inserção da Educação Física para novos rumos de possibilidades na contemporaneidade.

4 – OS PASSOS DE DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



Homens Dançando – Candido Portinari

Além da expressão da sociedade e da cultura, a dança cênica é arte, portanto, simbólica, e porta significações que transcendem o valor estético espetacular. Movimentos coreograficamente e repetidos em cena contam histórias, revelam problemas ancestrais ou contemporâneos. São uma forma de expressão e comunicação complexa, pois envolvem valores e preconceitos, refletem os contextos histórico, econômico, cultural e educativo e podem suscitar discussão. Assim o espetáculo de dança pode ser compreendido como parte de um sistema cultural e social maior, com o qual troca informações, modificando-se, transformando-se. (SIQUEIRA, 2006)

No que tange à prática da Dança no ambiente escolar defendemos o seu desenvolvimento a partir da promoção das inúmeras possibilidades de criação, do aprimoramento dos aspectos motores, coreográficos até a incorporação dos gestos mais complexos daqueles que dançam.

Neste sentido, de forma participativa, evidenciamos os valores humanos que podem ser promovidos e estimulados no processo ensino e aprendizagem da dança na escola, tais como solidariedade, coletividade, despertando para a criticidade e a criatividade dos diferentes dançarinos que vivenciam esta experiência. Acreditamos e vislumbramos uma educação significativa para os nossos alunos com uma dança processual e contínua nos diferentes enredos que a escola, juntamente, com a história de vida de todos que a constituem podem apresentar.

Dançar a partir da expressão de sentimentos e não apenas pela reprodução de gestos, tornar este universo significativo, esta expressão que enriquece a Educação escolar, mais que isso, o dia a dia dos indivíduos em seus diferentes âmbitos de realização.

Com isso, vale destacar o que diz Rangel (2002, p. 23) “A dança é uma atividade que torna possível ao ser humano encontrar-se com seu interior e explorar os seus mais profundos segredos, permitindo que o seu mundo interior seja revelado”.

Enfim, dançar é buscar compreender a diversidade em seu processo de existência, esse é o grande enredo para construir coreografias que trazem e

harmonizam as diferenças entre tantos seres humanos, de corpos culturais que dançam nas escolas da contemporaneidade.

A expressão dançante pode tornar-se um meio, um elo de plurais direções e sentidos que levam os alunos por um percurso de leituras e releituras do ser humano e suas relações a partir de possibilidades bem como também de limitações.

Acreditamos que o sentido da dança está relacionado com a própria existência humana. Por isso a compreensão deste sentido só é possível na experiência, seja na experiência artística, na experiência educacional, na experiência terapêutica, na experiência lúdica ou ritualística. (ROSA, 2004, p. 56).

O desafio da atualidade é trazer esse corpo dançante que experimenta para o currículo das escolas, para tanto, essa questão pode ser tratada por diferentes olhares e objetivos, fazendo parte das diferentes investigações na área educacional.

Para nós, esse corpo deve ser visto como uma existência, uma experiência de significações de vida e de momentos historicamente situados que, por meio de técnicas próprias, livres, buscam traduzir o que diferentes povos, épocas e símbolos representam.

Dessa forma, a escola pode favorecer a expressão da dança em diferentes fases dos alunos, promovendo um desafio constante em cada nível de ensino. Assim, cada um com suas características próprias e seus diferentes movimentos, ao longo da história, vão estudando, desenvolvendo-se e dançando.

Uma forte linguagem individual e coletiva é apresentada por trabalhos pedagógicos em danças no nosso país, atualmente, enriquecendo cada vez mais esta expressão artística no cenário acadêmico e aqui defendemos esta inserção de grande importância na Educação escolar, principalmente a partir da prática do profissional de Educação Física.

As danças assumem papel de destaque nos Programas Curriculares da Educação e da Educação Física, principalmente no âmbito escolar e dessa forma, podem contribuir como proposta pedagógica no processo de formação e desenvolvimento dos alunos.

Com relação à concepção das diferentes possibilidades e aplicabilidade da dança na área da Educação Física é necessário dar sentido e compreender o papel desempenhado pelo profissional desta área de conhecimento.

Para tanto a escola torna-se um palco para as apresentações das danças, valorizando e divulgando o que alcançamos fora dela, por meio da cultura, dos conteúdos de riqueza popular, elementos que representam a história do povo e trazem uma importância significativa no constante processo de ensino e aprendizagem do movimento humano.

É necessário praticar dança na escola a partir do entendimento e da busca constante de conhecimentos, criações e recriações, da fundamentação teórica que serve de sustentação para o processo de ensino e aprendizagem do movimento para as práticas corporais e que subsidiarão o percurso dos profissionais e demais pessoas envolvidas neste processo de conhecimento,

visando á evolução dessas importantes atividades para o desenvolvimento do ser humano.

Gallardo (2000) oferece e propõe em “Conteúdos Acadêmicos: Aspectos neurocomportamentais” contribuições à formação profissional em Educação Física e, nessa obra, enfatiza e contribui com a necessidade de compreender o corpo que dança na Educação escolar frente ao desenvolvimento das potencialidades dos alunos, como:

Suporte para o trabalho de crianças pré-escolares e escolares no processo de aquisição de habilidades motoras. A Educação Física Escolar embasada nos processos de crescimento, de desenvolvimento e de aprendizagem motora. As características da abordagem na Educação Física escolar devem: atender às necessidades e às expectativas da criança, sendo possível e necessário verificar o que ocorre no sistema nervoso central do aluno quando passa de um estado de não conhecimento para a aprendizagem e a automatização da habilidade, domínio da habilidade de forma eficiente, objetiva o movimento humano através do controle e informação. (GALLARDO, 2000)

As atividades em danças devem ser diferenciadas dependendo de cada faixa etária dos alunos. Os professores devem apresentar uma diversidade de situações levando ao aluno: a consistência, a constância e à equivalência do movimento, proporcionando dinâmica no processo.

Gaio; Gois (2006) apresentam alguns princípios que consideram balizadores para um trabalho de dança sem limites, os quais estão pautados na formação e qualificação do profissional de Educação Física, que enriquecem

reflexões e ações sobre o tema e seu desenvolvimento na Educação Física escolar. Para as autoras a pesquisa sobre a diversidade rítmica, através dos sons, músicas, ritmos, festas, crenças e costumes do nosso país pode ser um rico conteúdo de aprendizagem para o profissional de Educação Física aprofundar e aplicar em sua atuação com a dança.

A existência e importância de estudos na Educação, na Educação Física, sobre a dança na escola visando à necessidade de um melhor entendimento das reflexões e ações, em busca de novos paradigmas para a prática profissional, enriquece o debate acadêmico e o desenvolvimento desse saber na atualidade.

Valorizamos corpos que dançam a história popular, que, além dos movimentos, expressam a origem e a formação de povos, a grande miscigenação de etnias presentes nas regiões do país. Reconhecemos que existem diferentes estilos e modelos de dança em nossa sociedade, diferentes objetivos também acompanham a prática da dança, desde o lazer às manifestações de rituais.

Daí pensarmos estas diferentes formas como parâmetros para uma escolha diversificada dos conteúdos escolares para a dança, afinal essa dança representa cultura, uma existência também diversificada, pois assim somos nós humanos, em qualquer espaço e em qualquer tempo da nossa história.

A cultura brasileira pode ser estimulada em forma de dança própria de um povo que concentra no seu cotidiano técnicas adquiridas pelo trabalho no campo, na roça, em casa e que faz da festa na praça, na rua, ou mesmo na varanda de casa um grande palco.

Segundo Nóbrega (1999, p. 136):

A lógica da dança, sua configuração, encontra-se na interpretação / criação de movimentos. Para compreendê-la é preciso dançar, pois trata-se de um conhecimento vivencial, envolvendo o corpo, os movimentos e a percepção. A dança está diretamente vinculada ao corpo, sua linguagem é configurada pelo movimento, criando um vocabulário próprio de gestos significativos.

Faz-se necessário pensar novas formas de dançar na Educação, na Educação Física, desenvolver trabalhos que direcionem uma prática voltada para a participação efetiva dos alunos, em que as regras exigidas acompanhem a necessidade de cada grupo, a cultura de cada ser humano envolvido neste espetáculo, que é o processo de criar e recriar a partir das próprias histórias.

Propomos que os corpos sejam dançarinos do folclore brasileiro nas escolas, demonstrando riquezas populares, oportunizando um conhecimento global da casa, da rua e principalmente da presença do ser humano neste universo cercado de possibilidades, limitações e superações.

É preciso dançar, é necessário celebrar a vida, é justo dançar e brincar a arte de cada povo, arte de ser possuidor de sonhos porque os “sonhos não envelhecem”. Afinal, parafraseando Marques (1999, p. 35), “fazer arte torna-se tão importante quanto pensar e entender arte”. Na dança, portanto, esta se corporifica.

Simões (1998) afirma que “olhar a corporeidade humana por meio do tempo mostra as tatuagens existentes no corpo esculpidas pela cultura e pela

história”. Neste sentido, observamos que, ao longo da existência, em qualquer que seja a cultura, estamos plenamente repletos de tatuagens, de marcas, em que é possível ver e sentir a existência de pessoas, de acontecimentos e seus diferentes costumes, expressando por meio do silêncio, das palavras, dos rodopios e cantos, sua existência.

Para Dantas (1999, p. 17):

Ao dançar, os homens e mulheres não apenas reinventam movimento, tempo e espaço, mas transformam-se em personagens, pois a dança cria um jogo de forças, torna visível no corpo e nos movimentos todo um universo de ações e significados diversos do cotidiano.

Para aqueles que acompanham esta viagem de ritmo, som, movimento, idéias e histórias de um povo que vem se mostrando no universo do folclore no Brasil, apresentamos intenções acerca do que nos impulsiona para uma constante investigação sobre a relação entre dança, corpo, cultura e Educação, tendo como finalidade uma visão sobre a prática profissional em Educação Física nas atividades dançantes.

Durante o processo de pesquisa, procuramos compreender e, principalmente, entender o sentido da importância de elementos que possibilitem a comunicação do estudo em dança com uma nova possibilidade de valorização da cultura na educação escolar, esta já salientada como processo contínuo e que existe além de espaços determinados.

Dessa forma, sendo e tratando da cultura, por meio da dança, vislumbramos a possibilidade desta manifestação de crenças, fé e histórias adentrar os estudos da Educação, da Educação Física nas escolas e nas suas diversas relações.

Corpos, povos que, nesta pesquisa, apresentam as possibilidades e a importância da valorização da cultura popular nas escolas, nas ruas, nas praças e nos diversos palcos, na Educação, na Educação Física, por meio dos jogos, das danças e das brincadeiras, viabilizando, assim, a relação do conhecimento com a cultura de cada aluno tão diferente, único e ainda assim singular e plural.

A dança, que só se oferece como ação, resulta e produz uma pluralidade de fenômenos em pura imediatidade. A dança se dá numa orquestração de eventos que obedecem a uma única instância prévia e básica: a existência de um corpo. Corpo vivo com esta vida que surgiu da estabilização cósmica, vivo como nós, estas emergências de estrelas que somos, ou vivo como uma vida doada por equações matemáticas. Corpo no qual o conhecimento não passa de uma ferramenta evolutiva. (KATZ, 2003, p. 268)

Dançar a cultura é buscar compreender a diversidade existente em seu processo de existência e, dessa forma, um novo e possível enredo para construir diferentes coreografias. Coreografias que trazem diferenças entre tantos grupos no Brasil e no mundo que aqui também se fazem presentes e devem apresentar-se nas aulas de Educação Física escolar.

Na área da Educação Física, ressalta-se a importância do estudo da constante relação entre corpo e cultura, especialmente através das possíveis manifestações do folclore, evidenciando uma considerável construção de

diferentes corpos, pelas diferentes representações sociais encontradas nesta manifestação cultural.

A Educação Física voltada para a criticidade e criatividade, levando em consideração a diversidade do povo brasileiro e suas inúmeras possibilidades de comunicação através de sincronismo, dança, cultura, identidade, educação e história.

As propostas pedagógicas em danças, atualmente, apresentam cada vez mais possibilidades de comunicação e expressão com diferentes áreas do saber e, assim podem contribuir no processo de formação, crescimento e desenvolvimento dos diferentes alunos que estão presentes na escola.

Considero, assim, que educação é conhecimento, mais não só: é também re-conhecimento. E, para isso, é preciso não desvincular a ação educativa da cultura do povo brasileiro, que ele próprio desconhece porque se encontra apartado, separado dela (...) (MARCELLINO, 1989, p. 98).

Inaugurar novos espaços para realização de atividades é sempre um desafio e um exercício que promove a capacidade de (re) construção e de (re) conhecimento do ser humano. No universo educacional, existe, ao longo da história, uma diversidade de projetos e planejamentos para cada série, cada disciplina e, mais ainda, para cada escola do país.

A repercussão do que ensinamos nas aulas de Educação Física, da dança não é apenas imediata, ou seja, aprender não é apenas incorporar automaticamente conteúdos, mas exercitar uma das mais importantes funções de nossas vidas.

Fazendo uma relação da dança na Educação, na Educação Física com os pilares da educação apresentados no “Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI” (2006) é possível afirmar que o aprendizado da atividade dança deve integrar o conhecimento do aluno nos aspectos intelectuais e criativos, desenvolvendo assim os pilares da educação propostos nessa Comissão.

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento. (DELORS, 2006, p. 90).

Os pilares do conhecimento apresentados por Delors (2006) são: *aprender a conhecer*: adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*: poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*: participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; *aprender a ser*: via essencial que integra as três precedentes.

Diante dessa proposição enunciada por Delors, passamos a refletir e apresentar possibilidades pedagógicas no que se refere ao processo de ensino, ou seja, a aprendizagem da dança na escola, como conteúdo da Educação Física contextualizada nos pilares da educação, a saber:

- *aprender a conhecer a dança*;
- *aprender a fazer dançando*;
- *viver juntos na dança*;
- *aprender a ser com a dança*.

Tratar as categorias conhecer, fazer, viver e ser no processo de aprendizagem da dança, torna-se uma significativa construção para a formação qualificada e humana a que todos devem ter acesso na educação escolar.

Essa proposta compreende a educação como via de acesso para uma Educação Física na qual a práxis educativa acontece apoiada na cultura, no corpo e no movimento, de modo que esses sejam entendidos como unidade do próprio ser: brincando, jogando e dançando.

Aprender a Conhecer a Dança é mergulhar na sua história, pesquisar seu contexto passado e atual, reconhecendo as características do corpo em diferentes culturas e sociedades em diferentes períodos históricos.

É adentrar no desenvolvimento desta arte em diferentes países, etnias, culturas, ideologias, crenças e significados – éticos e estéticos.

Significa aprender a conhecer os diferentes significados histórico-culturais que a dança construiu, constrói e reconstrói nas diferentes sociedades.

Aprender a fazer dançando é dançar os diferentes estilos de dança – ritmos, sons, tempos, espaços que compõe uma grande harmonia de manifestações individuais e/ou coletivas.

É fazer acontecer à criatividade enquanto técnica para se dançar de modo efetivo e crítico, comunicando o lúdico e o artístico.

É ir além das técnicas definidas, padronizadas, estereotipadas; é promover e valorizar a construção de materiais e atividades alternativas como adequada técnica para se dançar.

Viver juntos na dança é oferecer possibilidades de cooperar, é praticar o estar juntos, dialogando a partir das similaridades e desigualdades de todos envolvidos nas atividades propostas.

É emancipar a partir da complexidade dos movimentos e situações problema da dança, bem como das suas relações para dessa forma participar e vivenciar uma diversidade de desafios e experimentações na aprendizagem.

Juntos e separados, devemos reconhecer a importância do ritmo individual e a necessidade de construirmos o ritmo coletivo além da prática da dança e suas diferentes coreografias, mas para também uma melhoria na qualidade de vida.

Aprender a ser com a dança é viver a sua capacidade de criar, pensar, sentir, agir, por meio, dos movimentos, pensamentos e sentimentos com autonomia e discernimento.

É entender que a dança pode ser uma comunicação e expressão de possibilidades de transformação social.

É ser criança, jovem, adulto, idoso e especial na medida das suas atitudes tomadas e defendidas enquanto um ser que é e convive com o outro, nos meios de possibilidades e principalmente de muitas limitações.

A dança, nessa perspectiva apresentada, tem um caráter formativo que não se fecha em métodos ou estilos únicos, tais como o clássico ou popular, mas na necessidade de experimentarmos diferentes manifestações que se comuniquem ao longo da aprendizagem da dança em diferentes escolas encontradas no país.

Algumas experiências e socializações em dança na escola desenvolvidas por alunos em cursos de graduação em Educação Física nas disciplinas Atividades Rítmicas Expressivas e Dança são possíveis referências para as

práticas pedagógicas em danças desenvolvidas por educadores nas diferentes escolas e aulas do Brasil.

Estas atividades apresentadas a seguir, não são modelos herméticos, caracterizam-se em possíveis propostas para aplicações e adaptações nos diferentes âmbitos para atuação dos educadores que desenvolvem o movimento, através, da dança na Educação Física escolar buscando acompanhar relações com os pilares propostos nessa tese: *aprender a conhecer a dança; aprender a fazer dançando; viver juntos na dança; aprender a ser com a dança.*

Algumas experiências, possíveis propostas pedagógicas em Danças

1 - Tema da Atividade: A Dança Historiada

Considerações Iniciais:

- Possibilidade de inserção da História Infantil no universo da dança.
- Criação de Movimentos característicos das Histórias apresentadas pelo professor e/ou pelo aluno e representação dessa essência (da História).
- A dança será aplicada, inicialmente, através dos movimentos livres das crianças e mediada pelo estímulo do professor com orientações de novos movimentos.
- O desenvolvimento da dança será promovido a partir do envolvimento das crianças com o professor e a atividade vivenciada.

Procedimentos:

- Escolher uma História Infantil
- Apresentar e contar para os alunos a História escolhida.
- Apresentar os movimentos característicos dos personagens da História.
- Criar seqüências de movimentos dos personagens para que as crianças vivenciem.
- Explorar novos movimentos e sugerir diferentes formas de trabalhos, incentivando uma orientação espacial diversificada.
- Criar possíveis Coreografias com a temática escolhida.
- Escolher uma música para acompanhamento da história.
- Construir e utilizar materiais que possam auxiliar e representar a História de forma significativa.
- Experimentar, repetir e criar diversas formas de possibilidades de dançar na História e Brincar com essa rica linguagem da Escola e das Crianças.
- Utilizar Criatividade e ter Curiosidade para enriquecer a prática da dança no Ensino Infantil.

2 - Tema da Atividade: Mostra Rítmica

Considerações Iniciais: A Mostra Rítmica é um evento que visa apresentar atividades desenvolvidas pelos alunos do Curso de Graduação em Educação Física das disciplinas Atividades Rítmicas e Danças. O evento surgiu a partir de um Projeto de Pesquisa da Professora Ana Angélica Gois, em 2003, com a participação de turmas do Curso de Educação Física de Instituições de Ensino Superior em São Paulo e atualmente em Aracaju e na Bahia, momento em que a pesquisadora ampliou esta atividade para o Curso de Pedagogia.

Procedimentos:

- Processo de Criação de Trabalhos Coreográficos para MOSTRA RÍTMICA.
- Eleger um TEMA para desenvolver a coreografia.
- Escolher MÚSICA / SOM / MONTAGEM necessárias para acompanhamento da coreografia.
- Determinar PARTICIPANTES do grupo de trabalho e definir tarefas para cada um no processo de (re)criação e realização da coreografia.
- Definir recursos MATERIAIS que poderão ser utilizados durante a coreografia, bem como definir a responsabilidade de construção e/ou compra dos mesmos.
- Elaborar CROQUI da Coreografia, ou seja, desenhos e representações gráficas dos movimentos e dançarinos no espaço determinado.
- Verificar e promover dinâmica nas FORMAÇÕES e nos PLANOS da coreografia.
- Elaborar FIGURINO com criatividade e bom gosto para os dançarinos, estabelecendo uma adequada relação com a coreografia.

- A turma deverá escolher uma temática pertinente a discussão em sala de aula sobre CORPO, DANÇA, EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO FÍSICA e suas relações na sociedade contemporânea.
- Cada trabalho terá um tempo de apresentação de CINCO minutos e a música deverá ser gravada em um CD personalizado do grupo.
- O grupo apresentará para o PÚBLICO (se desejar) este trabalho no dia determinado pela professora da disciplina.
- Os grupos serão orientados e acompanhados ao longo do semestre pela professora de forma efetiva. As Mostras Rítmicas deverão acompanhar a particularidade de cada escola, cada grupo, cada aluno respeitando as características do professor e dos alunos que a desenvolvem.

3 - Tema da Atividade: Dança da nossa RUA

Considerações Iniciais: Apresentar e reconhecer os diferentes estilos de dança presentes na cultura dos alunos.

Procedimentos:

- Solicitar aos alunos, que apresentem estilos de dança presentes no seu bairro, na sua rua e na sua cidade.
- Elaborar uma oficina de ritmos e danças, de acordo com as experiências trazidas pelos alunos. Exemplo: samba, hip hop, axé, forró, entre outros.
- A partir dos diferentes estilos, construir, coletivamente, uma coreografia
- Incrementar os estilos de dança com figurinos e cenários

4 - Tema da Atividade: Dança do nosso PAÍS

Considerações Iniciais: Com essa atividade, poderemos ampliar o conhecimento das manifestações folclóricas do Brasil.

Procedimentos:

- Apresentar aos alunos as manifestações folclóricas presentes em cada região do Brasil, executando movimentos característicos das danças folclóricas escolhidas.
- Exemplo: O pau de fitas, Reisado, Pezinho, Congadas, Carimbó, entre outros.
- Sugerir aos alunos: Criar adereços folclóricos para apresentação das coreografias em uma possível Mostra Folclórica na escola
- Apresentar em vídeos, diferentes estilos de dança e manifestações folclóricas.
- Selecionar músicas e notícias sobre os estilos de dança popular escolhidos pelos alunos e pelo professor (a).
- Apresentar aos alunos considerações sobre a História do Folclore, procurando os fatos relacionados às crenças e costumes destes povos, ao longo das épocas, promovendo uma Semana de Cultura na escola.

5 - Tema da Atividade: Sergipe para Todos

Considerações Iniciais:

- Composição de um mosaico dançante com manifestações das danças folclóricas sergipanas.
- Criação de uma coreografia que objetiva homenagear o estado de Sergipe através de músicas da terra, seus cantores e dançarinos, tais como: Cata luzes, Paulinho Lobo, Rogério, Chico Queiroga, César Leite, Gladston Santos, Salete Martins, Jussara Rosa, entre outros amantes da cultura local.
- A dança é composta por partes: dança clássica, quadrilha, burrinha do sertão, utilização de asas criativas representando as araras, entre outras idéias que enriqueçam o trabalho coreográfico.
- O desenvolvimento da coreografia será caracterizado por subgrupos de dançarinos para cada momento, exemplificando melhor: um pout porri com dançarinos caracterizados com diferentes figurinos das manifestações folclóricas.

Procedimentos:

- Preparar um CD com diversas músicas características da cultura sergipana. Eleger as músicas mais adequadas para o grupo de alunos que participarão do trabalho.
- Conhecer e apresentar para os alunos as manifestações folclóricas escolhidas, através de oficinas e proporcionando dinâmicas e vivências dos ritmos escolhidos, promovendo uma passagem para todos nos diferentes papéis que compõem a coreografia.
- Determinar o tempo para cada música que será utilizada no pout-porri, ex: 1min, para cada representação. Na música final escolhida todos deverão dançar juntos e com um tempo maior, ex: 2 min.
- Para enriquecer o trabalho, pode ser utilizado material característico do estado. Ex: chapéu de palha, peneira, abanos, tecidos de xita, entre outros.

As atividades apresentadas nesta pesquisa são referenciais de possíveis contribuições para os professores de Educação Física e suas aulas de dança com caráter de experimentação e principalmente transformação a partir da necessidade e realidade de cada turma.

O maior objetivo dessas atividades é apresentar a dança, no contexto educacional, privilegiando e valorizando diferentes possibilidades pedagógicas que promovam a comunicação entre cultura, corpo e educação, evidenciando a sua possibilidade de existência nas escolas através do professor de Educação Física.

Os profissionais da Educação Física mostram em suas atuais experiências possibilidades de desenvolver propostas pedagógicas em dança com responsabilidade e um adequado planejamento e acompanhamento das ações propostas e desenvolvidas pelos alunos.

Neste acompanhamento requisitos são importantes, tais como, respeito pelas crianças, jovens, adultos, idosos e portadores de necessidades educativas especiais, visto que todos podem, atualmente, estar contemplados em alguma escola do Brasil. Portanto, tornam-se necessários elos da Educação Física com a educação, com a cultura e com demais áreas de conhecimento para estimularmos corpos sujeitos dançantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Bloco Carnavalesco – Candido Portinari

Considerando a ampla diversidade nos estudos das danças e suas relações com o processo educacional, encaminha-se esta tese para considerações finais que também inauguram novos caminhos para próximas investigações na área em questão, tornando-se de forma dialética, sempre um possível início para alguém que deste tema se aproximar. Tratando-se do que é inacabado e inconstante, assim como a Cultura e a Educação, entendemos a pesquisa em dança e a sua relação pedagógica na área da Educação Física escolar em constante desenvolvimento.

Nas aulas de Educação Física escolar aumenta a possibilidade do desenvolvimento da dança a partir da relação crítica e comprometida dos

professores e o seu conhecimento sobre as manifestações culturais. A escola, portanto, pode reconhecer o significado dessa contribuição no processo de formação humana, da cidadania e da diversidade de sentidos e funções nas diferentes faixas etárias presentes no espaço escolar.

É relevante o desenvolvimento da dança na escola e pode ser tratada nas aulas de Educação Física por ser uma área que enriquece, estimula e amplia o repertório motor dos nossos alunos, incentivando a capacidade criadora e desenvolvendo os sentidos de forma mais ampla.

Dessa forma, acredita-se na possibilidade da dança contribuir para formação de um sujeito histórico, crítico e criativo a partir da ampliação dos conhecimentos enquanto educação do corpo. Um corpo cultural envolvido de forma efetiva no desenvolvimento da Educação Física, especialmente no espaço escolar.

Sustentada nas contribuições de pensadores da Educação, Educação Física e da Dança foi possível estabelecer um referencial bibliográfico, nesta tese, com a intencionalidade de resgatar e desvelar a preocupação com o princípio educativo com qualidade, em todos os níveis e âmbitos da educação, para assegurar o acesso e a permanência dos indivíduos na escola, bem como o seu desenvolvimento para o exercício pleno da cidadania.

É hoje uma verdade indubitável, tornando-se, mais do que nunca, o centro e a responsabilidade daqueles que se comprometem com esta prática pedagógica, ou melhor, prática de vida.

A Educação apresenta-se de forma significativa despertando novas e importantes relações entre as diferentes áreas da academia, ampliando assim, as

nossas responsabilidades em tratar e oferecer diferentes projetos de ação no que se refere ao trato das danças no processo ensino e aprendizagem.

O profissional de Educação Física em suas aulas de danças pode estimular a história popular, que além dos movimentos, expressa a origem e a diversidade da formação e desenvolvimento de povos, a grande miscigenação de etnias presentes nas regiões do país, uma dança que visa unir e permitir que os alunos expressem de forma crítica e criativa seu repertório motor, afetivo, emocional, artístico e cultural, resultando numa totalidade especial, inclusiva e participativa na escola, na rua, na família e na vida.

Que a dança, enquanto manifestação cultural possa além de ampliar o currículo escolar na área da Educação Física, possa expandir a capacidade de entendimento, possibilidade, limitação e superação do próprio aluno e seus pares.

Que os futuros e atuais educadores, por meio, das suas propostas pedagógicas na Educação Física escolar, promova o ensino da dança, enquanto, uma práxis educativa com perspectivas e responsabilidades para formação humana, a autonomia, o compromisso e a emancipação que todos devem ter no seu contexto diário de vida.

Nesta perspectiva da dança escolar, eis o momento de proporcionar um importante espaço para a atuação profissional em Educação Física, cujo conteúdo dança nas aulas promova ênfase ao trato da cultura e suas possíveis relações, apresentando as produções de dança com um referencial positivo e inspirador para todos envolvidos nesta arte do movimento.

A aprendizagem da dança enquanto expressão cultural na escola deve ser conteúdo desenvolvido pelos professores de Educação Física e pode ser

contextualizada nos pilares da educação, a saber: - *aprender a conhecer a dança; aprender a fazer dançando; viver juntos na dança e aprender a ser com a dança.*

É chegada à hora de diagnosticar e valorizar as diferentes práticas pedagógicas em dança na Educação Física Escolar, a partir de um cuidado maior dos profissionais que estão nos centros das Instituições de Ensino Superior em Educação Física, no que se refere, ao estímulo e incentivo à pesquisa para a prática da dança na escola.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ASSMANN, H. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Piracicaba, São Paulo: UNIMEP, 1994.
- _____. **Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- BARRETO, D. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004.
- BIZZOCCHI, A. **Anatomia da cultura: uma nova visão sobre ciência, arte, religião, esporte e técnica**. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- BURITY, J. A. (org.) **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação artística**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10 ed. São Paulo: Global, 2001.
- CLARO, E. **Método Dança – Educação Física**. São Paulo: Editora São Paulo, 1988.
- CORTEZ, G. **Dança Brasil: festas e danças populares**. Belo Horizonte, Minas Gerais: Leitura, 2000.
- DANTAS, E. H. M. **Flexibilidade, alongamento e flexionamento**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Shape, 1999.
- DANTAS, M. **Dança: o enigma do movimento**. Porto Alegre, RS: Ed. da UFRGS, 1999.
- DAÓLIO, J. **Cultura: Educação Física e futebol**. Campinas, São Paulo: Ed. da Unicamp, 1997.
- _____. **Da cultura do corpo**. Campinas, Papirus: 1995.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola e a formação do cidadão**. Tese (Livre docência) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de São Paulo. Rio Claro, 2001.

DELORS, J. et all. **Educação: um tesouro a descobrir**. 10. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.

DUNCAN, I. **ISADORA** - Fragmentos Autobiográficos. Porto Alegre, RS: Editora L&PM, 1980.

FREIRE, I. M. Dança–Educação: O Corpo e o movimento no espaço do conhecimento. **Cadernos Cedex**, Campinas, ano XXI, nº 53, p. 31-55, abril 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** (saberes necessários à prática educativa). São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GAIO, R.; GOIS A. A. F. Dança, diversidade e inclusão social: sem limites para dançar. In: TOLOCKA, R. E.; VERLENGIA, R. (Orgs.). **Dança e diversidade humana**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006.

GASPARI, T. Atividades rítmicas e expressivas nas aulas de educação física. In: DARIDO, S.C.; MAITINO, E.M. (Orgs.) **Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação: Educação Física**. São Paulo: UNESP, Pro-Reitoria de Graduação, 2004.

GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GOIS, A. A. F. **A dança de São Gonçalo em São Cristóvão: a corporeidade no folclore sergipano**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) UNIMEP, Piracicaba, São Paulo, 2004.

GONÇALVES, C. J. S. **Corporeidade: revisão do conceito**. Tese (Doutorado) UNIMEP, Piracicaba, São Paulo, 2004.

GONÇALVES, M. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papyrus, 1994.

GONZALEZ, F.J., FENSTERSEIFER, P,E, **Dicionário crítico de educação física**. 2ª Ed. rev. Ijuí, RS: Editora Unijui, 2008.

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. 5ª Ed. Ijuí, RS: Editora:Unijui, 2003.

_____. **Educação Física: ensino e mudanças**. 3ª Ed. Ijuí, RS: Editora:Unijui, 2004.

KATZ, H. A dança, pensamento do corpo. In: **O Homem - Máquina: A ciência manipula o corpo**. Novaes, A, (Org.) São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

MANESCHY, P. P. **Corporeidade e Cultura Amazônica: re-flexões a partir do Pássaro Junino do Pará**. Tese (Doutorado em Educação) - Unicamp, Campinas, São Paulo, 2001.

MARCELLINO, N. C. **Pedagogia da animação**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

MARQUES, I. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

_____. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MEDINA, J. P. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**: bases para a renovação e transformação da educação física. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

MELLO, S. A. **Algumas implicações pedagógicas da Escola de Vygotsky para a educação infantil**. Revista pro-posições. Faculdade de Educação – UNICAMP. VOL. 10, N.1 março / 1999.

MORAES, M. C. **Paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

MORAN, J. M. **Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

MOREIRA, A. F. B. (Org). **Currículos e programas no Brasil**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

_____. **Conhecimento, currículo e ensino: questões e perspectivas**. Em aberto. Brasília, DF: ano 12. nº. 58, ab. / jun. 1993.

MOREIRA, A.F.B.; MACEDO, E.F. "Currículo, identidade e diferença". In: Moreira, A.F.B.; Macedo, E.F. (Orgs.), **Currículo, práticas pedagógicas e identidades**. Porto, Portugal: Ed. Porto, 2002.

MORIN, E. **Os sete Saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NÓBREGA, T. P. **Para uma teoria da corporeidade: um diálogo com Merleau-Ponty e pensamento complexo**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo, 1999.

NANNI, D. **Dança educação: princípios, métodos e técnicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

PARISOLI-MARZANO, M. M. **Pensar o corpo**. Tradução Maria M. Endlich Orth, Petrópolis: Vozes, 2004.

QUEIROZ, J. C. C. **Princípios e Fins da Educação Nacional: do texto ao contexto**. 135 pag. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação Stricto Sensu, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2003.

RANGEL, N. B. C. **Dança, educação, educação física: propostas de ensino da dança e o universo da educação física**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2002.

READ, H. **A Educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROSA, J. S. **A corporeidade na dança: revelações de corpos dançantes na cidade de Aracaju**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) UNIMEP, Piracicaba, São Paulo, 2004.

RESENDE, H. G. **A educação física na perspectiva da cultura corporal: uma proposição didático-pedagógica**. Tese (Livre Docência) - Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1992.

RESENDE, H. G.; SOARES, A. J. G. **Conhecimento e especificidade da educação física escolar, na perspectiva da cultura corporal**. São Paulo: EEF/USP, 1995.

SAVIANI, D. **EDUCAÇÃO: do senso comum à consciência filosófica**. 15ª Ed. São Paulo: Autores Associados, 2000.

SCARPATO, M.T. Descrição Educativa: Um fato em escolas de São Paulo. **Cadernos Cedes**, Campinas, ano XXI, nº 53, p. 57-68, abril 2001.

SIMÕES, R. **Do corpo no tempo ao tempo do corpo:** a ciência e a formação profissional em educação física. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

SIQUEIRA, D. da C. O. **Corpo, comunicação e cultura:** a dança contemporânea em cena. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

STRAZZACAPPA, M.; MORANDI, C. **Entre a Arte e a Docência:** A formação do artista da dança. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

Universidade Federal do Paraná. **Normas para apresentação de documentos científicos.** 2ª ed. Sistema de Bibliotecas, Curitiba: Ed. UFPR, 2007

VERDERI, É. B. **Dança na escola.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2000.